

Fundamentos de Discipulado com jovens

AUTOR:
JAIME MORALES HERRERA

Seminario Internacional de Miami
Miami International Seminary
14401 Old Cutler Road
Miami, FL 33158
305-238-8121 ext. 315
email, MINTS@ocpc.org
web site, www.MINTS.ws

Seminario Internacional de Pastoral
San José, Costa Rica
(506) 271-0108
email, profejaim@costarricense.cr

ÍNDICE

Programa do Curso	3
Introdução	5
Capítulo 1 – Discipulado com jovens	6
Capítulo 2 – O método Pastoral: O discipulado	11
Capítulo 3 – A modalidade individual no discipulado com jovens	17
Capítulo 4 – A modalidade de Grupo no discipulado com jovens	23
Capítulo 5 – Métodos e Técnicas de Trabalho com jovens	28
Capítulo 6 – O método participativo	32
Capítulo 7 – Técnicas Participativas	41
Capítulo 8 – O Currículo de Formação de Jovens	55
Conclusão	66
Bibliografia	67
Apêndice 1: Exemplos de Metodologia Participativa	68
Apêndice 2: Livros Recomendados	69

Programa do Curso

Título do Curso: Fundamentos de Discipulado com Jovens

Professor: Jaime Morales Herrera

Créditos: 3

Objetivos

A. Conhecimento

1. Explicar o principal propósito do discipulado com jovens e como este se aplica em diferentes modelos de trabalhos
2. Explicar em que consiste o discipulado cristão no contexto original e aplicá-lo como método de trabalho com jovens.
3. Definir as modalidades, métodos e técnicas de trabalho com jovens.

B. Atitudes

1. Compreender a relevância do ministério com jovens nas igrejas evangélicas.
2. Tomar consciência sobre que conhecimentos, atitudes, habilidades deve obter para corresponder ao perfil de conselheiro.
3. Compreender o trabalho educativo do conselheiro de jovens

C. Habilidades

1. Aplicar as distintas modalidades de discipulado de jovens
2. Aplicar em seu grupo um currículo equilibrado de formação cristã.

Avaliação

1. Projeto 1: Elaborar um planejamento didático para dar um tema do Currículo de Formação de Jovens” grupo de jovens em três ou quatro seções mediante a uma teologia participativa. Pode seguir o exemplo na apêndice como modelo do que se deve entregar. 25%.

2. Elaborar um trabalho de leitura de um livro do apêndice 2. Deve refletir a filosofia ou visão deste autor sobre o trabalho e ministério com jovens. 30%.
3. Realizar as tarefas de cada capítulo. 30% (3, 75% por capítulo)
4. Assistência do curso. 15%

INTRODUÇÃO

O presente curso pretende dar um panorama com relação ao trabalho de discipulado com adolescentes e jovens em nossas igrejas. Buscando delimitar o principal propósito do discipulado com jovens, bem como as modalidades, métodos e técnicas necessárias para realizar um ministério com jovens que seja adequado para as necessidades desse período de vida. É um curso necessário para as pessoas que já atuam no ministério com jovens, como para pastores que buscam entender melhor este grupo de pessoas de sua igreja.

Capítulo 1

Pastoral de Jovens

Objetivos

1. Definir o que é pastoral de jovens.
2. Identificar o que um pastor de jovens devem conhecer.

O que é pastoral de jovens?

Nos últimos anos temos ouvido falar sobre o discipulado com os jovens em congressos, cursos, livros e até mesmo na Internet, etc. É um conceito que ainda que muitos o têm associado ao catolicismo romano, está tomando preponderância no contexto evangélico. Mas isso é somente uma moda ou algo a mais do que isso? Antes de qualquer coisa, afirmamos que a pastoral dos jovens não é uma moda, mas sim, uma necessidade. Mas como podemos definir a pastoral de jovens? Para isso, primeiramente, definiremos primeiramente: O que é um pastor.

Um pastor é aquele que é chamado por Deus para cuidar de sua grei. A pastoral pode ser definida como o cuidado integral dos membros do Corpo de Cristo. Felix Ortiz diz que este dom capacita ao que o recebe para cuidar das necessidades dos cristãos que Deus tem colocado sob a sua responsabilidade. O questionário modificado “Houst Wagner” o define como a “a capacidade especial que Deus dá a certos membros do Corpo de Cristo para que assumam a responsabilidade em longo prazo pelo bem estar, a vida espiritual, ensinamento, o amor e a comunicação de um grupo de cristãos”.

O melhor exemplo disso é nosso Senhor Jesus, o qual é chamado Bom Pastor (Jo. 10: 11), Grande Pastor (Hb. 13: 20), o Príncipe dos pastores (I Pd. 5: 4), Pastor e Bispo de nossas almas (I Pd. 2: 25).

O dom de pastor está citado entre os dons que chamamos ministeriais junto com outros dons como são, os mestres, os profetas, o e evangelista e o apóstolo (Ef. 4: 10-11). Este dom é chamado como tal em poucos versos da Escritura (Ef. 4: 11; Hb. 13: 7; 17; 24). Também é identificado com a palavra “ancião” (At. 20:17; 1 P 5:1; Tg 5:14; 1 Tm 5:16; Ti 1:5; 2 Jo 1; III Jo. 1) e a palavra “bispo” (At. 20: 28; Fil. 1: 1; I Tm. 3: 1; Tt 1: 7) nas Sagradas Escrituras.

Assim a pastoral de jovens pode ser definida como o cuidado integral de um membro da etapa de desenvolvimento conhecida como juventude. A pastoral de jovens é integral, ou seja, deve atender as diferentes áreas de necessidade que tem os jovens, estas não devem limitar-se as espirituais, mas que são de toda índole (física, emocional, intelectual, social, vocacional, etc). Devemos deixar de crer que o ser humano é só uma alma e realmente vê-lo em sua plena dimensão.

Segundo Rosidalia Vargas, coordenadora do Programa “Para uma Pastoral de Jovens” a pastoral de jovens pode ser definida como: “a aproximação pastoral que participa na formação integral do jovem desde uma perspectiva cristã, não o vê como um espírito isolado do corpo e sua realidade, seu contexto, suas necessidades físicas, sociais, emocionais e espirituais; e na atitude de acompanhamento lhe motiva a imitar a Cristo como modelo, a Palavra como norma de fé e conduta e a evangelização como estilo de vida”.

O que um pastor de conselheiro de jovens deve conhecer?

1. Teologia

O conselheiro de jovens necessita primeiramente conhecer a Bíblia. É curioso que muitos líderes de jovens não tem lido a Bíblia completa sequer uma vez. Depois disso deve ter um conhecimento básico para poder guiar o rebanho pelas sendas da verdade. As seitas e religiões estão crescendo na América Latina e é uma realidade que todo líder deve estar preparado para enfrentar.

Por outro lado, deve ter uma perspectiva adequada do plano de Deus através da história bíblica e cristã. Os jovens muitas vezes perguntam o porque que há tanta divisão em denominações da igreja protestante e sem uma visão adequada da história cristã fica difícil em responder essas questões. Deve saber como deve levar outras pessoas aos pés de Cristo e como exercer o ministério. Não podemos enviar os jovens a ganhar pessoas a Cristo se nós não somos exemplo, não podemos esperar que se integrem em um ministério da igreja se não somos obreiros preparados.

2. Psicologia

Deve conhecer o processo do desenvolvimento humano para poder compreender os jovens, bem como as mudanças que são atravessadas de uma fase a outra e os diversos processos que devem estar completos nesta etapa como são a independência dos pais e a formação de um projeto de vida inicial e da própria identidade.

Poderá atender questões e problemas específicos que preocupam os jovens por meio de aconselhamento e ensinamento bíblico. A problemática social na juventude é alarmante: suicídios, abuso de drogas, anorexia e bulimia, etc.

3. Sociologia

O conselheiro de jovens deve entender o contexto em que se desenvolve o jovem. Estar consciente do que implica viver na era da pós-modernidade cheia de relativismo, hedonismo, pluralismo e emocionalismo.

Deve conhecer as diversas subculturas em que os jovens estão inseridos em seu próprio contexto. Cada região tem sua própria subcultura, adolescentes com suas características que o identificam: estão os que têm dinheiro, os que se vestem totalmente de preto, os que andam com skates, etc. Deve compreender a influência que determinados grupos têm sobre a pessoa.

4. Administração

Deve administrar adequadamente o grupo em que se desenvolve, realizar planejamentos com objetivos, metas e estratégias adequadas, saber como manejar um pressuposto. Conhecer como organizar seu grupo da forma mais eficiente, supervisionar o trabalho, organizar eventos de maneira que resultem atração para as necessidades dos jovens.

5. Direito

Assessorar aos jovens em questões básicas referentes aos códigos e as leis relacionadas à juventude. As que têm a ver com o trabalho de menores de idade, as leis contra o abuso em suas diferentes formas, etc.

6. Educação

O pastor de jovens deve conhecer métodos e técnicas apropriadas para ensinar seus alunos. Suas estratégias devem ser inovadoras e atualizadas. Deve conhecer como realizar um planejamento didático, como avaliar o ensino, etc. Especialmente deve ter uma visão clara do Mestre nosso Senhor Jesus Cristo: o discipulado cristão.

Conclusão

Realmente trabalhar com jovens não é um trabalho fácil da igreja, por isso deve fazer como Deus tem chamado a cumprir. Estudamos e examinamos: Temos esse chamado? O que necessito conhecer? Em que área preciso melhorar? Respondemos essas perguntas e determinamos aquilo que Deus tem colocado em nossos corações.

Questionário

1. Defina com suas próprias palavras o que é ser um pastor.
2. Como Felix Ortiz define o ofício de um pastor?
3. Como o autor define a pastoral de jovens?
4. Como VARGAS define a pastoral de jovens?
5. Explique por que é essencial que um conselheiro de jovens tenha conhecimentos teológicos?
6. Explique por que é essencial que um pastor de jovens tenha um conhecimento na área de Psicologia (aconselhamento)?
7. Explique por que é essencial que um pastor de jovens tenha conhecimentos no ramo da Sociologia.,
8. Explique por que é essencial que um pastor de jovens tenha conhecimentos de Administração.
9. Explique por que é importante que um pastor de jovens tenha conhecimentos de em questões legais.
10. Explique por que é essencial que um pastor de jovens tenha conhecimentos da área de educação.

Capítulo 2

O método Pastoral: O Discipulado

Objetivos

1. Ter uma visão clara do conceito de discipulado.
2. Comparar o discipulado de Jesus com outras formas de discipulado de seu tempo.
3. Compreender a singularidade do discipulado de Jesus.

Introdução

Hoje em dia a igreja tem diversos conceitos do que é ser discípulo e o discipulado; alguns o vêem como a formação do novo crente, outros como um processo educativo e assim possuem múltiplas visões deste conceito. Precisamente, este foi o principal método pastoral de Jesus, por isso é necessário fazer uma análise histórica e bíblica deste método.

Vamos determinar como se observava este conceito no lugar onde viveu Jesus de Nazaré, ou seja, no vale do Mediterrâneo no primeiro século. Exploraremos os distintos gêneros dos discípulos que viveram naquele tempo, analisando suas semelhanças e diferenças com o movimento iniciado por Jesus a fim de determinar o caráter de cada discípulo cristão dos tempos bíblicos.

Definição

O Dicionário Real da Academia Espanhola (DRAE) diz que a palavra discípulo vem do latim “discipulus” e basicamente nos apresenta duas definições sobre a palavra “uma pessoa que aprende uma doutrina, ciência ou arte sob a direção de um mestre” e “uma pessoa que segue a opinião de uma escola, mesmo que viva em tempos posteriores aos mestres que a estabeleceram”. O Novo Testamento também apresenta este conceito expresso no grego “mathetes”, especialmente nos Evangelhos e em Atos. No Antigo Testamento, o termo correspondente limud não é muito comum (Is. 8: 16; 50: 4; 54: 13; Jr. 13: 13). Ainda que na literatura rabínica é familiar o termo talmid entendido como aluno de um mestre. De igual modo se apresenta em diversos contextos.

O discipulado no mundo judeu

No livro de I Reis capítulo 19 nos apresenta o primeiro caso de relação mestre-discípulo, quando Elias é levado aos céus e joga seu manto a Eliseu.

Como que no chamado ao discipulado cristão se observam claramente a renúncia a família e os bens, o ministério kerigmático e o acompanhamento. Mesmo que esclareça que o chamado de Eliseu por parte de Elias se fazia por ordem divina (I Rs. 19: 16) e no chamado feito por Jesus aos seus discípulos em virtude da sua própria divindade.

Também um precedente é o acompanhamento que se dá a líderes carismáticos tanto nos tempos do Velho Testamento. Exemplos disso: Baraque, Débora, Saul e os macabeus. Os escribas judeus da época também estavam rodeados de discípulos. As Escrituras nos falam acerca dos discípulos dos fariseus (Mc. 2: 18) e os seguidores de João Batista eram conhecidos como seus discípulos (Mr. 2: 28 e Jo. 1: 35). Praticavam a oração de acordo a suas instruções e alguns deles prestavam auxílio quando estavam no cárcere. Por outro lado, os judeus se consideravam discípulos de Moises, já que seus ensinamentos formaram a base do ensino rabínico.

O discipulado no mundo helênico

No mundo grego da mesma maneira, os filósofos estavam rodeados de alunos que aderiam os ensinamentos característicos de seus mestres, até mesmo a palavra discípulo chegou a relacionar com a religião com a filosofia. Um conceito interessante são as conversas de homens da filosofia como Axiotea, Nerinto, Zenon, que foram ouvintes de Sócrates “Segue-me e aprenda”. Hengel cita alguns movimentos com particularidades religiosas entre esses o médico Menécrates do século IV a. C que se pos por sobrenome Zeus e cujos seguidores tinham codinomes com nomes de divindades.

O modelo do discipulado de Jesus

O ministério de Jesus e seus discípulos teriam como atividade principal a proclamação do reino de Deus, estes viajavam de forma itinerante em seu ministério kerigmático; renunciando a transformar-se em um lugar e deixando para trás o lugar que morava. O dicionário bíblico Certeza nos diz “em alguns casos pelo menos, (o discipulado) significava literalmente o abandono do lar, de compromissos comerciais e das posses (Mr. 10. 21, 28), porém em todos os casos a disposição em colocar em primeiro lugar as ordens

de Jesus, sem calcular os custos, era a condição primordial. Semelhante atitude passava amplamente a relação normal aluno-mestre e deu um novo sentido a palavra “discípulo”. A fé em Jesus e a fidelidade para ele são as condições que hão de determinar a sorte no juízo final (Lc. 12: 8).

Jesus deu uma série de instruções para o caminho a seus discípulos que nos falam da renúncia de provisões o que afirma a sua dependência de Deus (Mt. 10: 5-15; Mc. 6: 8-11; Lc. 9: 2-5 e 10: 2-12). Jesus ensinava este princípio de renúncia e entre muitas coisas permanece solteiro que resultava um escândalo em sua época, Gnilka menciona: “No judaísmo, o solteiro era considerado como aquele que derrama sangue. Se negasse a ordenação de Rabi, esta renúncia era tida como o único propósito de poder dedicar totalmente a trabalhar pelo reino.

Gnilka faz um comentário interessante e ao mesmo tempo contraditório ao declarar que entre os discípulos de Jesus havia mulheres, as quais nos Evangelhos nunca são referidas como discipulas, mas apresentavam características como tais ao afirmar que seguiam. Destas mulheres, destacamos Maria Madalena, esta é reconhecida por manter-se aos pés da cruz e ser a primeira ver o Senhor ressurreto, isso era um escândalo para cultura totalmente misógina.

Mesmo o vocábulo discípulo pode aplicar-se a todos aqueles que aceitavam a sua mensagem ou as pessoas que acompanhavam em suas viagens, o termo se refere ao grupo mais conhecido dos discípulos, ou seja, os doze, cujo número provavelmente está relacionado com as tribos de Israel. Estes são chamados simplesmente como “doze” no evangelho segundo Marcos, Mateus e Lucas. Destes o discípulo que mais se destaca é Simão Pedro, o qual foi o primeiro discípulo chamado por Jesus e o primeiro tomar a liderança depois do Pentecoste.

Os discípulos foram ensinados por Jesus e designados como seus representantes para proclamar a mensagem do Reino, expulsando demônios e sarando enfermos (Mc. 3: 14), mesmo que estas responsabilidades se limitam aos doze, se estenderam a outros.

A partir de Atos 6: 1, os membros da igreja primitiva eram conhecidos como discípulos. Não obstante, o termo não aparece fora dos evangelhos e Atos; portanto os novos escritores do Novo Testamento utilizaram uma variedade de termos (crentes, santos, irmãos) com o fim de expressar em forma mais completa as características do discipulado

depois da Páscoa. Paulo, por exemplo desenvolve a idéia da imitação de Cristo (I Cor. 11: 1 e I Tes. 1: 6).

O conceito de discipulado não era próprio do cristianismo mas era estendido tanto no mundo judeu como no mundo heleno, como já se viu anteriormente. Sob essa teoria podemos inferir que o chamado feito por Jesus a seus discípulos não era algo precedentes para eles dentro de seu contexto, e tanto que muitos deles anteriormente haviam sido discípulos de João Batista, poderíamos suspeitar que pudessem ter conhecido Jesus.

Deve-se notar que há vários elementos que fazem o discipulado cristão *sui generis*, ou seja único em seu gênero; em primeiro lugar, o discipulado de Jesus dependia da iniciativa do mestre e não do discípulo. Gnilka diz

Para o ingresso no discipulado de Jesus, o determinante não é a decisão do discípulo, mas à vontade de Jesus é feita. A iniciativa é de sua parte, isto se diferencia Jesus da relação entre um mestre rabínico e seus discípulos, já que nesse caso, os discípulos buscavam a seu mestre e escolhiam aquele que esperavam aprender mais coisas, podendo mudar logo de mestre... Não se inicia, nem é possível o acompanhamento de Jesus porque era fora um rabi conhecido, mas porque Jesus chama alguém com sua autoridade.

Por outro lado, novamente Gnilka nos menciona outra grande diferença no conceito de liderança expressa por Jesus.

Que o discípulo este ao serviço de seu Mestre, isso era mais natural nas relações entre o discípulo e seu mestre. Isso nos bem ilustra aquele provérbio: Todo o trabalho que um escravo faz para seu senhor, tem que fazê-las um discípulo para seu mestre, inclusive, desatar as sandálias. Mas Jesus disse: Quem é o maior o que se senta à mesa ou aquele que serve? Não é o que se senta a mesa? Todavia, sou entre vós como o que serve (Lucas 22, 27).

Os pontos em comum entre o discipulado no vale do Mediterrâneo e o discipulado cristão são externos, tanto que provável que desde o exterior Jesus fora visto como um escriba rodeado de discípulos, cabe ressaltar o título de rabi que lhe davam outras pessoas; ainda novamente afirmamos as características do grupo de discípulos são particulares ao menos em seus propósitos naquelas áreas aonde existe alguma semelhança.

Por exemplo, a carência de bens que se dá em filósofos helenistas e outros se devem mais na busca da paz interior dos filósofos ou pelos simples ideais ascéticos, ao contrario, Jesus e seus discípulos são um testemunho no reino de Deus pelo fato de mostrarem sua dependência e confiança naquele que haviam crido.

O discipulado como método na pastoral juvenil

Como temos visto o discipulado segundo Jesus Cristo não é uma série de ensinamentos dada a um recém convertido ou um currículo educativo, mas se refere a um processo de ensino em meio à relação mestre-discipulo que no caso do Senhor Jesus levou aproximadamente três anos. Isso implica que ensinar constantemente por um período de tempo, não somente com palavras, mas com ações. Jesus tomou seu tempo para ensinar seus discípulos, citamos como exemplo, o sermão do monte, as parábolas do reino, o sermão escatológico, etc; mas também encarnou seus princípios em si mesmo, as vezes ensinava aos doze com em um grupo, ou as vezes ensinava em particular.

Conclusão

Nosso ministério de discipulado com jovens não é simples, exige tempo e dedicação; assim como nosso Senhor entregou seu tempo para preparar a seus discípulos, nós devemos entregar com aqueles que Ele nos tem deixado. Possamos rever com jovens o modelo mestre-discipulo e também cumprir com aquilo que o Senhor nos tem chamado.

Questionário

Capítulo 2

1. Defina a palavra discípulo.
2. Qual é o termo grego para a palavra discípulo?
3. Qual é o termo hebraico para a palavra discípulo?
4. Qual é o termo talmúdico para a palavra discípulo?
5. Descreva o discipulado no mundo judeu.
6. Descreva o discipulado no mundo grego.
7. Em quais aspectos o discipulado de Jesus se parece com os mestres de sua época?
8. Em quais aspectos o discipulado de Jesus se diferencia com os mestres de sua época?
9. Diferencie o conceito de discipulado como é apresentado pelo autor e como se reflete em sua igreja. Explique.
10. Como aplicaria o conceito de discipulado em um grupo de jovens?

Capítulo 3

A Modalidade Individual na Pastoral de Jovens

Objetivos

1. Compreender a dimensão e importância da modalidade individual na pastoral de jovens.
2. Conhecer alguns princípios básicos de aconselhamento cristão
3. Conhecer como ter um encontro ou entrevista com um jovem.

Introdução

Na pastoral de jovens há duas modalidades: a modalidade individual e a modalidade de grupo. Nosso Senhor Jesus usou ambos casos no processo de ambos os casos no processo de discipulado dos seus. Houve momentos onde discursou a grande multidão, só aos doze e aconselhou individualmente. Isso é um bom exemplo para que o pastor de jovens deve seguir. Cada jovem é um próprio microcosmo com sua particularidade por isso terão suas próprias necessidades específicas concretas.

Estas necessidades podem ser problemas que requerem aconselhamentos, orientação acadêmica ou vocacional, esclarecer a conversão do jovem, esclarecer as dúvidas pessoais dos ensinamentos dos ensinamentos dado ao grupo de jovens, formação de líderes ou outros. Por outro lado, há problemas que por sua natureza não devem ser tratadas em público, mas podem ser tratados como uma intervenção individual.

Alguns princípios bíblicos de aconselhamento

- A. O aconselhamento não é exclusivo para os especialistas ou profissionais. A Bíblia diz que o aconselhamento pode ser dado por parte de toda a igreja . (Rm. 15: 1-14; Gl. 6: 1-2; Col. 3: 16; I Tes. 4: 18; 5: 11; Hb. 3: 13; Tg. 5: 16).
- B. O Espírito Santo opera por meio da Palavra de Deus (Jo. 3: 5; 15: 3; Ef. 5: 16). Para que o aconselhamento seja realmente cristão, tem que ser levada em harmonia com a obra santificadora do Espírito Santo

junto com a obra que as mudanças produzem (Hb. 4: 12; At. 20: 32).

A função do conselheiro é simplesmente declarar o que Deus diz.

- C. As Escrituras são a única fonte de autoridade para resolver nossos problemas espirituais (Sl. 119: 9; Jo. 6: 63). O aconselhamento sem as Escrituras é um aconselhamento sem o Espírito Santo. Em II Tm. 3: 16 diz que as Escrituras são úteis para aperfeiçoar aos santos, mediante o que podemos considerar os meios de aconselhamento bíblico: ensino, repreensão, correção e instrução.
- D. O aconselhamento cristão deve ser feito desde uma verdadeira cosmovisão bíblica. Portanto, seus conceitos sobre Deus, Jesus Cristo, o homem, o pecado, os meios da graça, a vida e do mundo em geral; devem partir das Sagradas Escrituras.
1. O homem foi criado por Deus a sua imagem e semelhança para agradar a Deus; e essa imagem tem sido distorcida pelo pecado desde a queda do homem.
 2. O homem não é um animal, não vive por instintos (sexual e sobrevivência) mas por decisões.
 3. O homem não tem as respostas dentro de si mesmo; nem é autônomo como proclama o humanismo. A única resposta é dada por Deus e é revelado através de sua Palavra nas Escrituras Sagradas. O homem é totalmente dependente de Deus que o criou, tem dado a vida e lhe permite viver; o homem definitivamente depende de Deus.
 4. O homem não é bom por natureza, mas é pecador. O pecado é uma transgressão da lei divina, uma afronta contra Deus (I Jo. 3: 6; Sl. 7:11). A causa primária dos problemas do ser humano é o pecado; os problemas não são “uma enfermidade”, este conceito tira a própria responsabilidade. Todos os problemas são originados pelo pecado. Nunca como conselheiros, devemos minimizar o pecado, devemos lembrar que é rebeldia contra Deus e deve ser levado a sério.

5. O homem é responsável por seus atos que não se devem a baixa auto-estima nem produto do pecados dos demais, não deve colocar a culpa na sociedade e nem em ninguém; A Bíblia diz que cada um é responsável pelo seu pecado (Jr. 31: 29-30) Desde o Éden, o homem sempre tem procurado esconder-se para não enfrentar seus problemas e colocar culpa nos outros. A responsabilidade e a capacidade de responder a cada situação da vida segundo os mandamentos de Deus.
6. O comportamento determina os sentimentos. Tampouco podemos falar biblicamente sobre “problemas emocionais”; quando uma pessoa é deprimida, ansiosa, hostil, etc; o problema não reside em suas emoções mas em seu comportamento. As pessoas se sentem mal por causa de suas más ações (Gn. 4: 6-7; I Pd. 3: 16).
7. Em nossa condição de pecadores não como aceitos por Deus; portanto, a pessoa ímpia não deve simplesmente aceitar-se tal como é; nem muito menos deve crer que Deus o aceita tal como é; Salmo 7: 11 diz que “Deus está irado contra o ímpio todos os dias”. Os cristãos são aceitos por Deus “no Amado” (Ef. 1: 6) que levou nossas culpas e nos aceita porque nossos pecados foram perdoados, mas essa aceitação não significa que temos que fazer juízo sobre o pecado. Lembramos que “aceitar” o comportamento pecaminoso diante dos olhos da pessoa é mesmo que aprová-lo.
8. O único tratamento para o pecado é a justificação pela fé e a santificação progressiva por meio do Espírito Santo. O homem deve confessar seu pecado, arrepender-se e aceitar o perdão de Deus. No fundo o aconselhamento bíblico é uma aplicação dos meios de santificação.
9. O remédio de Deus para os problemas do homem é a confissão (Prov. 28: 13); esta deve ser primeiramente a Deus e logo as pessoas afetadas: e disso a Bíblia manda restituição. E de confessar que se tem pecado contra a outra pessoa e pedir-lhe perdão, é bom se isto for possível, solicitar-lhe sua ajuda para romper as velhas pautas e estabelecer novos padrões bíblicos.
10. A santificação implica mudanças pessoais. Todo homem pode mudar com a ajuda de Deus. O ato de mudar hábitos não é fácil, mas é possível o cristão

não poder dizer que não pode (I Cor. 10: 13; Fil. 4: 13) lembramos que não nada impossível para Deus, a personalidade pode ser mudada. Deus nos dá excelentes exemplos em suas Escrituras de homens totalmente transformados em Israel, Pedro e Paulo. Não se deve permitir que uma pessoa alegue que é assim e que não se pode fazer nada a respeito.

11. Em I Cor. 10: 13, Paulo nos diz que não há problema que não seja comum aos demais. Ninguém pode alegar que seu caso é diferente ou especial. Os elementos básicos do problema que se está enfrentando não são diferentes daqueles que outros tem enfrentado. Cristo passou pelos mesmos problemas que muitos tem passado, isso é importante para dar alento e esperança.
12. A meta de aconselhamento não é que a pessoa se sinta melhor, mas para a glória de Deus (Ef. 1: 6; 3: 21; I Cor. 10:31). Sua segunda meta é aperfeiçoar os santos (Ef. 4: 11-16) ao ser como Cristo, Deus será glorificado. O conselheiro não está para remover os problemas, mas para que a pessoa se submeta à vontade de Deus. Para que o discípulo não dependa totalmente do conselheiro, é necessário que o conselheiro ensine o discípulo a utilizar as Escrituras por sua própria conta, a fim de dar resposta a seus problemas. Uma forma de iniciar isso, é promovendo o desenvolvimento de devocionais.
13. Já sabemos que a razão pela qual as pessoas caem em pecado. O conselho deve ser bíblico, levando esse assunto a sério. Enfatizar a leitura da Palavra e a constante oração e mostrar o pecado como origem de seus problemas.
14. O aconselhamento bíblico não consiste somente em escutar para que a pessoa se sinta bem, a Bíblia exorta o conselheiro escutar, isso é antes de responder. Escutar é interessar-se no que o outro diz e responder de uma maneira adequada de acordo com as normas divinas.
15. Em assuntos interpessoais deve proferir a múltipla orientação como norma e não com exceção ; isto para que o conselheiro tenha uma visão total do que tem sucedido ao apresentar ambos lados da questão e para chegar a conclusões mais coerentes. A quantidade de participantes que deveriam ficar incluídos parece ser tão grande como o número de indivíduos que estão envolvidos no problema.

A entrevista ou encontro com adolescente

A entrevista com o adolescente pode realizar-se por meio de uma entrevista planejada ou um encontro informal. Neste caso, falaremos do encontro previamente planejado. Este pode ser solicitado pelo pastor de jovens ou pelo próprio jovem que deseja aconselhamento para resolver os problemas.

O encontro planejado deve ser na igreja, na casa do jovem ou mesmo em um restaurante, etc. Se tratar de menores, de obter a permissão dos pais, quando o conselheiro vai entrevistá-lo.

Deve ter prudência em relação aos jovens que vai entrevistar, de preferência, jovens do mesmo sexo, caso for diferente, procure um ambiente transparente, para não levantar suspeitas e falatórios.

A primeira entrevista é a mais importante. Em grandes números de casos se conta somente com uma e por isso deve manejar com prudência e habilidade. Ainda que se façam várias entrevistas, a primeira deve ser proveitosa, sem se importar que seja longa ou curta.

O entrevistador deve ter aceitação da pessoa estabelecendo pontes de comunicação, pois só assim o jovem expressará o que realmente sente.

É importante na primeira reunião estruturar a situação, dar idéia da maneira que o conselheiro pode ajudar, também planejar para as próximas entrevistas.

É importante na primeira reunião estruturar ao entrevistado a situação, dar-lhe idéia da maneira que o aconselhamento pode ajudar-lhe e também fazer planos para sessões de aconselhamentos posteriores – isto quando observamos que o caso não se resolva em uma mesma oportunidade.

Conclusão

Devemos entender que é necessário que se compreenda as ovelhas, cada jovem tem a sua necessidade distinta e a pastoral deve ser para todos os jovens sem acepção de pessoas. O encontro individual com o jovem é a melhor forma de atender cada um segundo as suas necessidades, ter esse tipo de orientação é imprescindível no ministério que é exercido com os jovens. Devemos ter a certeza que cada jovem tenha esse tipo de orientação. Deve ser a meta que cada jovem tenha escolhido um conselheiro preparado para que o ajude nessas áreas.

Atividade

Para este capítulo, elabore um pequeno projeto em lugar das perguntas. Deverá fazer um esboço de uma entrevista de aconselhamento (de qualquer tipo) com um adolescente.

Deve incluir:

1. Dados pessoais do jovem (em vez do nome, utilize o pseudônimo ou somente as iniciais do mesmo)
2. Descrição do problema ou situação apresentada.
3. Estratégias de intervenção (que se decidiu fazer com o jovem)

Capítulo 4

A modalidade grupal na Pastoral de Jovens

Objetivos

1. Conhecer as diferentes formas de modalidade grupal na pastoral de jovens
2. Conhecer as diversas formas de ver o propósito do grupo de jovens ou o ministério.
3. Conhecer a importância dos grupos pequenos como modalidade de intervenção na pastoral de jovens.

Introdução

Com modalidade de grupo nos referimos a intervenção pastoral com os jovens em grupo. Essa intervenção pode acabar com todo o grupo bem como grupos específicos.

Modalidade de Grupo com toda a Mocidade

1. Sociedade de Jovens

Também chamado de grupo de jovens, ou seja, referimos a reunião periódica de todos os jovens da igreja, estes tem características bastante heterogêneas. Normalmente se reúnem uma vez por semana e tem um propósito definido que varia segundo a filosofia da congregação. Deve reconhecer que em alguns casos se reúnem mais por tradição que por motivos bem fundamentados.

O grupo de jovens deve ter um propósito e este não deve mudar, e sim guiar ano após ano a visão deste ministério. Segundo Félix Ortiz, este propósito é “ajudar aos jovens a serem pessoas maduras à medida da plenitude de Cristo (Ef. 4: 13; Gl. 4? 19). Em palavras mais simples, o objetivo é o que os jovens vivam e pensem como Jesus, sejam como Ele é”.

Para Lucas leys escritor do livro “Ministério de Jovens Efetivo” o propósito é que estes alcancem a maturidade cristã, não muito diferente da definição de Ortiz.

Doug Fields define ter um ministério com propósito como aquele que persegue e reflete aos propósitos que Jesus mandou e manifestou na igreja primitiva: o grande mandamento e a grande comissão. E menciona esses cinco propósitos como: evangelização, adoração, companheirismo, discipulado e ministério.

Outro objetivo que tem escutado em vários ministérios de jovens da qual desconheço sua origem é definido pelo triplo sentido: “ganhar, formar e enviar”. Ganhar jovens para Cristo, formá-los a imagem de Jesus e enviá-los ao ministério cristão e a evangelização

Cada um desses propósitos que um grupo de jovens devem ter características semelhantes. Mesmo que você tenha preferência por um ou pelo outro o importante é adotar um e permanecer nele. Isto dará direção ao grupo.

- a) E ter um propósito, segundo Ortiz o grupo de jovens tem três funções: Espiritual: proporcionar estudos, oração, ajuda e potenciar em geral a vida espiritual dos jovens.
- b) Psicológica: prover segurança, de identidade.
- c) Integradora: permite sentir aos jovens mais responsáveis e protagonista da vida da igreja.

Falando especificamente da reunião de jovens, segundo Ortiz se cumprem os seguintes papéis.

- a) Facilita a integração do jovem à igreja.
- b) Prepara para a futura vida eclesial
- c) Provê ensinamentos e doutrina
- d) Proporciona companheirismo e diversão
- e) Cria oportunidades evangelísticas

2. Escola Dominical

Muitas vezes tem classes separadas para os jovens na escola dominical. Estas estão dentro do marco deste ministério educativo que abrange toda a congregação. Nesta modalidade se pode abranger a todos os jovens segundo as necessidades de sua idade especialmente na área educativa, o centro principal desse ministério.

3. Ministério de formação escultista

Referimos aos sistemas denominados scout. Há diversos ministérios cristãos que se enfocam nesse tipo de formação. Na América Latina, podemos citar “Exploradores do Rei”. A ênfase deste grupo cai na formação integral dos jovens não só no que se diz respeito à

educação básica, mas diversas áreas como o campismo, os primeiros auxílios, a segurança, a sobrevivência e diferentes áreas vocacionais.

Modalidade de Grupos Específicos

1. Células ou pequenos grupos

Na reunião em grupo de seis a oito pessoas com um propósito definido. Normalmente este propósito é o evangelismo ou o discipulado. Para Ortiz, os pequenos grupos têm seis objetivos: conviver, reunir, instruir, sustentar, testemunhar e orar. As células podem ser grupos homogêneos divididos por idade, sexo, locais próximos, etc. Segundo Doug Fields, esta é a forma mais eficaz de produzir companheirismo bíblico. Para este mesmo autor, os pequenos grupos são importantes devido a

- a) Permitem que os jovens sejam conhecidos.
- b) Fazem falar aos jovens
- c) Permitem aos jovens personalizarem sua fé
- d) Alimentam as relações de responsabilidade mútua.

2. Ministério Universitário

Um outro exemplo de grupo específico é realizado com jovens universitários. Neste caso, ministérios encarregados de trabalhar com discipulado e evangelismo de universitários. Entre eles estão afiliados a Comunidade Internacional de Estudantes Evangélicos em toda a América Latina e Cruzada Estudantil e Profissional para Cristo.

3. Grupos Homogêneos Específicos

Podemos ter atividades especiais para grupos com certas qualidades em comum que se constituem em um setor de toda a comunidade jovem da igreja. Neste caso, tomamos estas pessoas e desenvolvemos um processo específico com eles de acordo a certas necessidades particulares. Entre diversos exemplos que podemos citar são: dar uma oficina para mães adolescentes, um seminário de preparação pré-matrimonial para alguns casais jovens que estão pensando em se casar, uma oficina de teste vocacional para os que estão finalizando a escola secundária e pretendem ingressar nas universidades, etc.

Conclusão

São várias as formas de trabalho na pastoral coletiva que se podem desenvolver com os jovens. O recomendável é integrar dois ou três destas formas para ter um ministério mais efetivo. Devemos ter a sabedoria de Deus para combinar essas modalidades de intervenção para ajudar aos jovens a formar-se a imagem de Jesus Cristo e integrar-se a serviço do Reino dos Céus.

Questionário

1. O que é a modalidade de intervenção de grupo
2. Como o autor define a sociedade de jovens?
3. Qual é o propósito de um grupo de jovens ou ministério de jovens segundo Ortiz?
4. Qual é o propósito de um grupo de jovens ou ministério de jovens segundo Fields ?
5. Quais são as três funções de um grupo de jovens segundo Ortiz?
6. Qual é a principal ênfase da Escola Dominical?
7. Quais são os ministérios de formação escultista?
8. Que são células ou grupos pequenos?
9. Segundo Fields, por que são importantes os grupos pequenos?
10. Cite exemplos de grupos heterogêneos específicos.

Módulo 5

Métodos e Técnicas de Trabalho com os Jovens

Objetivos

Reconhecer a metodologia principal no programa com jovens

Reconhecer a importância da metodologia participativa nos programas de jovens

Conhecer a diferença entre uma técnica e um método

Introdução

Tradicionalmente no contexto eclesial se fala de dois tipos de metodologia: a magistral e a participativa. Cada um tem seu lugar dentro do programa educativo cristão de uma congregação.

O método magistral

O método magistral é aquele em que o indivíduo expõe um tema segundo a Palavra de Deus e outros escutam e recebem a mensagem. A sua forma mais comum é denominado sermão. Este é um método essencial para a proclamação da Palavra e é o mais usado historicamente pela igreja de todos os tempos. Consideramos que é essencial que um pastor de jovens domine esse tipo de metodologia e é bom, preparar-se na área da oratória e homilética para poder expor a Palavra de Deus de uma forma adequada. Um pastor de jovens deve saber como desenvolver um sermão e levá-lo ao propósito desejável. Deve saber fazer uma conclusão com cada uma de suas partes e não desviar em um tema sem poder concluir. Deve saber contar anedotas, ilustrações e o sem fim de maneiras de fazer que a mensagem se compreenda em uma pregação.

E também devemos reconhecer a natureza inquieta de jovens. Por isso recomendamos não utilizar o método magistral como a norma, mas como um método entre os diversos que se podem utilizar. Os jovens necessitam ação, mover, participar, realmente eles tem muito a contribuir. Muitos deles, especialmente os maiores – têm um acúmulo de experiência que podem proporcionar ao grupo de jovens. Não ficamos somente na metodologia magistral tão tradicional em nosso sistema de culto evangélico. O fato de que nossos pastores utilizam como metodologia os tradicionais sermões – um método ao qual não quero

desvalorizar e com o qual, não duvido que o Espírito Santo trabalhe – isso não implica que deva ser sempre assim, e no caso do ministério com jovens, resulta de uma forma mais eficaz uma metodologia participativa carregada com o poder do Espírito Santo. Lembramos que devemos desenvolver “reuniões de jovens”, onde a variedade seja a norma e não “culto de jovens” de onde se impõe o sistema litúrgico tradicional.

O método participativo

A metodologia participativa é aquela de onde o jovem não é um mero receptor, mas que participa na discussão do tema, junto com o líder conselheiro encontra conjuntamente as verdades da Palavra de Deus. Muitos lhe chamam “aprendizagem ativa”, ou seja, “aprender fazendo”. Aprender por meio da ação, da participação, da experiência. Victor Villanueva nos diz sobre isso. “Os pilotos aéreos sabem bem a diferença entre aprendizagem ativa e passiva. Sua aprendizagem passiva vem através de escutar aos instrutores e ler os livros de instruções para voar. Sua aprendizagem ativa vem realmente voar o aeroplano ou voar em um simulador. Os livros e as instruções no salão de classes são necessários, mas os pilotos nos dirão que aprenderam a voar ou manobrar os controles de avião por si mesmos”.

É certo que ninguém aprende a nadar por correspondência, como muitas práticas cristãs como o evangelismo, a oração, etc, deve executá-las para aprendê-las. Ademais, participamos, mas aprendemos, isto é um princípio vital da pedagogia. Daí a importância da metodologia participativa no programa com jovens.

As técnicas

Devemos saber uma diferença entre métodos e técnicas. Os métodos são filosofias sobre como ensinar; as técnicas são os meios como operacionalizam os métodos. Ou seja, as técnicas nascem dos métodos e por ela pomos a funcionar o método. Por exemplo, o sermão e a conferência são técnicas de ensino do método magistral; não são métodos por si mesmo. Assim, da mesma maneira a “chuva de idéias” e o “método de estudo bíblico indutivo” (quando se realiza em grupos) são técnicas do método participativo.

Sobre os métodos usados na pedagogia secular

A teoria secular sobre a pedagogia nos fala de diversas teorias ou paradigmas educativos. Entre estes podemos mencionar o construtivismo, o humanismo, o condutismo, o cognitivismo, a teoria, sócio-cultural, etc. Muitos dos princípios dos da metodologia participativa podem tomar-se de pensadores destas filosofias como Piaget, Vigotsky, Bruner, Ausubel, etc. Estes homens, mesmo que não sejam regenerados, possuem a graça comum que Deus tem dado a todos os homens, e portanto, tem dons e talentos que Deus pode usar para sua glória. Supostamente, as bases filosóficas destes paradigmas educativos não são produtos de uma cosmovisão cristã e portanto devem ser passadas pelo filtro da Palavra de Deus.

Examinando tudo e retendo o que é bom (I Tes. 5: 21). “Toda a verdade vem de Deus e por isso se somos homens perversos se têm dito algo que seja certo e justo, não devemos rejeitá-lo porque vem de Deus”. Lembramos nosso manual principal deve ser a Palavra de Deus e nos livro de Pedagogia, eles nunca reconhecerão a Jesus como Senhor e nem a natureza pecaminosa do homem. Ensinamos aos jovens desde metodologias que reconhecem a primazia da Palavra de Deus escrita, ou seja, as Sagradas Escrituras e Nosso Senhor Jesus respectivamente.

Conclusão

É importante reconhecer o lugar dos métodos educativos a hora de trabalhar com jovens. Utilizamos o método magistral em seu momento, Deus tem utilizado este método por anos para que muitos se entreguem a Cristo e sejam feitos discípulos dele. Também utilizamos o método participativo e aproveitamos a forma ativa de ser os adolescentes e os jovens de nossas igrejas.

Questionário

1. Como se define o método magistral?
2. Qual é a forma mais comum deste método em nossas igrejas?
3. Por que o autor recomenda o método participativo para trabalhar com jovens?
4. Como se define o método participativo?
5. Qual é a diferença entre um método e uma técnica?
6. Mencione exemplos de técnicas magistrais.
7. Cite exemplos de técnicas participativas.
8. O que o autor diz sobre as teorias seculares da pedagogia?
9. Investigue que é a teoria da aprendizagem significativa de Ausebel. Considere que se pode aplicar esta teoria na modalidade coletiva da pastoral de jovens.
10. Investigue a que se refere Vigotsky com a zona de desenvolvimento próximo. Considere que se pode aplicar esta teoria na modalidade coletiva da pastoral de jovens.

Capítulo 6

O método Participativo

Um método conforme as necessidades dos jovens

Objetivos

1. Compreender a necessidade de utilizar uma metodologia participativa para trabalhar com jovens.
2. Compreender a teoria da aprendizagem significativa.
3. Conhecer como implementar um programa de jovens com uma metodologia participativa.

Introdução

Os jovens são inquietos por natureza, gostam de participar, desejam ser levados em conta, por isso, é necessário que variamos os métodos tradicionais de ensino e utilizamos uma metodologia mais participativa que os faça protagonistas do processo de ensino-aprendizagem e preencha suas necessidades integrais e interesses particulares.

Através do presente documento queremos mostrar um novo enfoque educativo que busca uma maior participação destes em contraste com os métodos tradicionais.

Tabela comparativa entre a educação tradicional e a educação participativa

EDUCAÇÃO TRADICIONAL	EDUCAÇÃO PARTICIPATIVA
BANCÁRIA Só o educador é protagonista, o educando é o expectador	PARTICIPATIVA Tanto o educador como o educando são protagonistas da experiência da aprendizagem
PASSIVA O educador é o narrador diante dos demais que são passivos, ouvintes, meros "objetos" do ato educativo.	ATIVA O educador e o educando constroem juntos o conhecimento.
QUANTIDADE DE INFORMAÇÃO O educador enfatiza a quantidade de conteúdos que passa ao educando. Não importa se o educando está assimilando todos estes temas tratados e se tem a possibilidade de aplicá-los em sua vida.	QUALIDADE DE INFORMAÇÃO O educador enfatiza na experiência que o educando tem enquanto outros estudam os conteúdos. Importa a qualidade e não a quantidade.
PARTE DE TEORIAS OU CONCEITOS JÁ ESTABELECIDOS	PARTE DA EXPERIENCIA DO EDUCANDO Estabelece relação com o seu mundo e com as coisas que nomeia e são importantes.

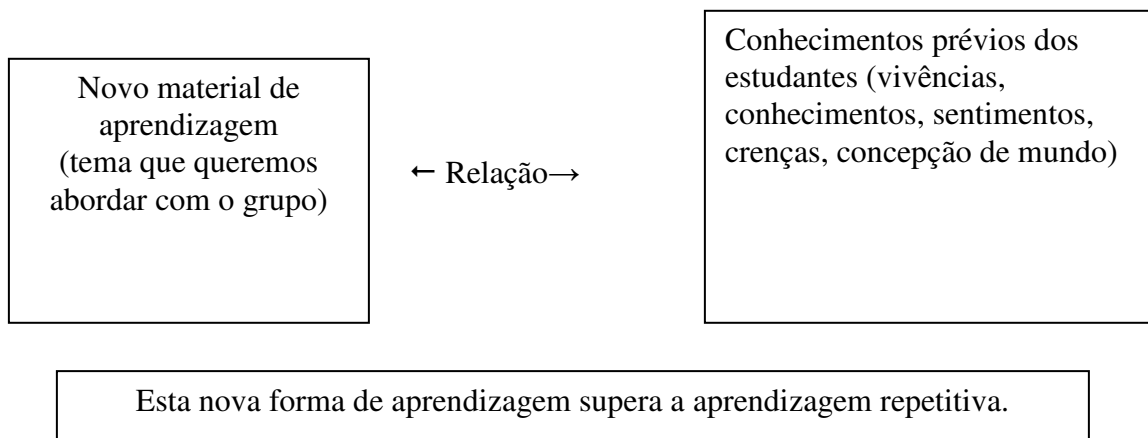
<p>ARQUIVADORA Enche a pessoa de grande quantidade de informação que está arquivada em sua mente, mas que não utiliza.</p>	<p>PROBLEMATIZADORAS Permite a interpretação séria e profunda dos temas estudados que leva a ação. Portanto, a informação que se compartilha é para que cada educando a utilize em sua vida cotidiana (prática)</p>
<p>POLOS OPOSTOS O educador e o educando se olham em pólos opostos, uns por sobre o outro.</p>	<p>CONCILIADORES O educador e o educando são agentes de conciliação, de tal forma que ambos se fazem simultaneamente educadores e educando.</p>
<p>MERAMENTE NARRATIVA O educador e o educando se encontram na narração que faz o primeiro de tudo o que sabe, enquanto os outros são percebidos como vasilhas que se devem preencher como depósitos de conhecimentos</p>	<p>SUSTENTA-SE NO DIÁLOGO O educador e o educando se concentram na conversação, no diálogo, na discussão, na análise e confrontar juntos uma realidade determinada.</p>
<p>TRANSMITE CONHECIMENTO Considera que o conhecimento é transmitido de uma pessoa a outra.</p>	<p>CONSTRÓI CONHECIMENTO Considera que o conhecimento se constrói entre todos.</p>

A aprendizagem significativa

1. Definição

Se produzir quando o educado estabelece uma relação entre o novo material de aprendizagem que ele deseja desenvolver com o educando e os conhecimentos prévios que estes tenham.

Se o novo material de aprendizagem se relaciona de forma direta com o que o aluno já sabe ou tem vivido, estamos na presença da aprendizagem significativa.



A aprendizagem significativa se baseia em dois princípios gerais:

- a) A aquisição de conhecimento se dá em forma ativa não passiva.
- b) Só se conhece o mundo mediante a experiência.

Portanto, a experiência dos sujeitos com os elementos que se queiram conhecer constituem o modo como se constrói o conhecimento.

Conhecimento = Experiência dos sujeitos + elementos que se queiram conhecer

2 Características da Aprendizagem significativa

O educador é uma fonte de formação e conhecimento porém não a única. Ele é o guia que sugere as fontes de informação e as técnicas para resgatá-la e aplicá-la. Deste modo, o educador e o educando se constituem em sujeito que constroem conhecimentos em interações e relações com os temas de estudo.

O educador é propiciador de oportunidades de aprendizagem. Estimula ao educando com um cenário de atrações (criado por meio de estratégias, técnicas e atitudes adequadas) que lhe permite caminhar em um caminho onde constrói suas próprias experiências.

Na aprendizagem significativa se outorga grande importância ao erro, pois esta se converte em um instrumento indispensável para tomar consciência da forma em que se atua na solução de um problema.

O educador se preocupa por conhecer:

- a) Os interesses, necessidades, experiências e modos de comportamento de cada um de seus educandos.
- b) O contexto histórico-social imediato do estudante, o contexto macro social em que se desenvolve.

Estes dois aspectos são importantes para identificar a experiência prévia do estudante, as quais se convertem em aspectos a levar em conta a hora de definir a estratégia metodológica que se utilizará. Isto nos ajuda a estabelecer técnicas que são congruentes com a experiência do estudante.

Neste sentido trata-se de aproximar as experiências de vida dos estudantes às situações formais educativas por meio da metodologia (conjunto de técnicas e procedimentos que utilizam para trabalhar).

3. Implementação da metodologia participativa

a) Processo metodológico de grupo

Avaliação inicial

Isto se refere a uma avaliação antes do processo educativo para poder determinar as necessidades e temas de interesses do grupo. Estas necessidades podem responder ao que a liderança tem sentido ao que os jovens têm expressado. Pode se determinar com alguma técnica de sondagem ou de pesquisa.

Planejamento

Definir os objetivos

Definir a estratégia metodológica

Estabelecer os conteúdos

Elaborar os instrumentos de avaliação inicial, ou seja, os instrumentos para determinar o nível de conhecimento que o educando previamente tem sobre o tema.

Implementação

Aplicação de testes iniciais, ou seja, aplicar os instrumentos elaborados ao ponto anterior.

Estabelecer os temas por sessão.

Determinar as técnicas metodológicas.

Avaliação Final

Avaliar o cumprimento dos objetivos nos seguintes níveis de conhecimento: informação (conhecimento), conscientização (atitudes), e ação (habilidades).

Efeitos Posteriores

Muitas vezes no desenvolvimento do tema descobrimos novos temas a abordar. Determinará casos de onde é necessária a intervenção individual ou a quem se deve referir a outros serviços dentro ou fora da igreja.

b. Esquema de Planejamento de uma seção

Para desenvolver cada uma das seções pode se fazer um quadro similar ao exemplo dado abaixo

Seção # _____

Hora	Atividade	Objetivo	Técnicas Utilizadas	Responsável

Num compartimento de técnicas se deve explicar a técnica utilizada para cada atividade, não deve somente mencioná-la.

4. Aplicação da metodologia e técnicas participativas

Características

- Democráticas
- Imaginativas e espontâneas
- Horizontais e ativas
- Intuitivas
- Racionais
- Flexíveis
- Geradoras de criatividade, transparência, sensibilidade e mútua responsabilidade
- Estimulantes da construção de conhecimento
- Concernente com as necessidades, interesses e expectativa do grupo.

Elementos a serem levados em conta

- Devem ser rígidas até conseguir um objetivo preciso.

- Assim como devemos relacionar a técnica com o objetivo, devemos seguir o procedimento e a sua aplicação de acordo com o número de participantes e o tempo disponível.
- Devemos conhecer toda a técnica, discernir o momento propício para a sua aplicação e saber conduzi-la corretamente.
- Uma só técnica em geral, não é suficiente para trabalhar um tema. Sempre deve estar acompanhada de outras que permitam um processo de aprofundamento sistemático.
- É importante saber localizar as características particulares de cada técnica, bem como as suas possibilidades e limites.
- Um elemento importante a ser levado em conta para a aplicação de qualquer técnica é ter imaginação e criatividade para modificá-las e criar novas, de acordo com os participantes e a situação específica que se deve enfrentar.

Fenômenos que se dão dentro do grupo ao aplicar as técnicas participativas

- Etapas de rodeios (silêncio embaraçoso, bate papo, etc.).
- Resistência à expressão verbal, escrita e/ou corporal.
- Descrição de sentimentos do passado.
- Expressão de sentimentos negativos.
- Expressão de material expressamente significativo (hoje, já não o passado).
- Expressão de sentimentos interpessoais imediatos dentro do grupo.
- O indivíduo recebe nova alimentação dentro do grupo.
- Divergências de idéias ou opiniões (liberdade na diversidade de critérios)
- Produzem vínculos fortes que ultrapassam o espaço da seção.
- Estabelecem relações primárias (estreitas e íntimas) entre todos os membros do grupo.

5. Tipos de Técnicas

Técnicas ou dinâmicas vivenciais:

Caracterizam-se por criar uma situação fictícia, onde nos envolvemos, reagimos e adotamos atitudes espontâneas, nos fazem viver uma situação. Podemos subdividi-las em:

Animação: Seu principal objetivo é animar e criar um ambiente fraterno e participativo.

Análise: Seu principal objetivo é dar elementos simbólicos que permitem refletir situações da vida real.

Técnicas de Atuação

O elemento principal é a expressão corporal através da qual representamos situações, comportamentos, formas de pensar. Para que estas técnicas cumpram seu objetivo, sempre ao aplicá-las devemos:

- Apresentá-las de forma ordenada e coerente.
- Dar um tempo limitado para que realmente sintetizem os elementos centrais.
- Utilizar realmente a expressão corporal, o movimento, os gestos e a expressão.
- Falar com voz forte.
- Não falar e atuar por duas pessoas ao mesmo tempo.

Técnicas Auditivas e Audiovisuais

Caracterizam-se pela utilização do som e de sua combinação com imagens. Geralmente não são produtos da reflexão ou análises de grupo, mas elaborados previamente pelo docente. Traz novos elementos ou interpretações que permitem aprofundar o tema. É necessário quando se utilizar, que o orientador conheça de antemão seu conteúdo para que realmente sirvam como uma ferramenta de reflexão; por isso, é importante fazer uma discussão para analisar o conteúdo da mensagem apresentada. É muito útil preparar algumas questões para essa etapa que permitam relacionar o conteúdo com a realidade do grupo. Podendo combinar a utilização de outras técnicas para analisar o conteúdo.

Técnicas Visuais

São subdivididas em:

- Técnicas escritas: todo aquele material que utiliza a escrita como elemento principal. Aquelas que são elaboradas pelo grupo, o resultado direto de que o grupo conhece, sabe ou pensa sobre um determinado tema. A letra deve ser clara e segundo a técnica o suficientemente grande para ser lida por todos. E a redação deve ser concreta e sintética.
- Técnicas Gráficas: todo material que se expressa através de desenhos e símbolos. Requerem um processo de decodificação, ou seja, de interpretação dos símbolos. Sempre é recomendável começar descrevendo os elementos que estão presentes no gráfico; logo que os participantes que não elaboraram o trabalho, façam uma interpretação e que finalmente sejam as pessoas que o elaboraram as que expunham quais são as idéias que trataram de expressar.

Conclusão

O método participativo é um excelente método para trabalhar com jovens. Este contribui para que haja uma participativa que leva a preencher as suas necessidades. Porém, este é um método que exige muita dedicação e criatividade, algo que nem todos temos, mas que podemos desenvolver. Se você tem sido chamado para trabalhar com jovens, Deus irá te capacitar, lembre-se, “Deus não escolhe os capacitados, mas capacita os escolhidos”. Mãos a obra, integre esta metodologia em seu trabalho com jovens e Deus respaldará em seu processo.

Questionário

1. Cite três diferenças entre o método tradicional e a metodologia participativa.
2. O que é aprendizagem significativa?
3. Em quais dos princípios se baseia a aprendizagem significativa?
4. Cite três características da aprendizagem significativa.
5. Quais são os passos para implementar uma metodologia participativa?
6. Quais são as cinco partes que deve ter um esquema ao planejar uma seção?
7. Cite as características das técnicas participativas.
8. Cite elementos que devem ser levados em conta ao aplicar as técnicas.
9. Cite diversos fenômenos que se dão em grupos ao aplicar as técnicas participativas.
10. Cite os tipos de técnicas.

MÓDULO 7

TECNICAS PARTICIPATIVAS

Objetivo

Conhecer diversas técnicas participativas para aplicá-las em um programa com jovens.

Introdução

As técnicas são o meio como são operados os métodos. Neste módulo, apresentaremos uma série de técnicas que nos sirvam para desenvolver uma metodologia participativa em nosso programa com jovens.

Lista de Técnicas

1. Fichas

Seu objetivo é apresentar em forma simbólica a opinião de um grupo sobre um determinado tema. Utilizam-se materiais como papéis grandes ou cartolinas, recortes de periódicos, marcadores, materiais feito a mão (folha de árvore, pastos, ramas, etc).

Pede-se aos participantes que sobre o tema que se tem discutido ou se deve discutir nos subgrupos, apresentem suas opiniões em forma de “fichas”.

Uma vez elaboradas as fichas, cada grupo apresenta ao plenário para realizar sua decodificação.

Pede-se a algum dos participantes que façam uma descrição dos elementos que estão na ficha.

Pede-se que o resto dos participantes faça uma interpretação do que lhes parece que dá a entender a ficha.

Logo os participantes que elaboraram a ficha, explicam ao plenário a interpretação que o grupo havia dado a cada símbolo.

2. Tocha

Esta técnica serve para avaliar qualquer tema trabalhado. Baseia-se nos concursos escolares.

- a). Formam-se equipes (sugerimos no mínimo seis).
- b) O orientador de antemão prepara as perguntas.
- c) O orientador lê cada pergunta e as equipes tratam de escrever a resposta e discutí-la.
- d) A equipe que responde primeiro corretamente obtêm os pontos.
- e) Ganha a equipe que obtêm mais pontos.

3. Aprendizagem dirigida por perguntas

- a) Distribuir um material escrito entre os alunos que estimule perguntas por parte do leitor (muita informação porém, carente de detalhes ou explicações). A idéia é despertar curiosidade.
- b) Em casais ler o texto e pedir-lhes que escrevam suas perguntas em cartões
- c) Recolher as perguntas e respondê-las. O orientador ensina em resposta às dúvidas no lugar de utilizar uma lição preestabelecida.

4. Notas orientadas

- a) Preparar um material escrito que resuma os pontos centrais do tema, deixando algumas palavras em branco.
- b) Distribuir entre os participantes e explicar que os espaços em brancos devem ser completos.

5. Conferência de Imprensa

Levar um convidado especialista no tema, esta pessoa deve preparar algumas observações para começar e logo se submeter ao interrogatório de imprensa (os participantes). Antes de realizar esta atividade, deve se explicar aos participantes o que é uma conferência de imprensa e elaborar várias perguntas.

6. Comercial de TV

Em subgrupos realizar um comercial de trinta segundos para televisão, publicando o tema da classe. Deve ter um slogan e imagens, pode ser atuado.

7. Crítica de Vídeo

Mostrar um vídeo e antes de projetá-lo, explicar que o objetivo é que tenham uma postura crítica diante do vídeo. Fazer um debate após a projeção do vídeo.

8. Conto Dramatizado

É uma representação em forma de mímica, enquanto outra pessoa lê o texto “conto”

9. Debate Simulado

Usar um tema ético. Dividir a classe em duas equipes de debate, dar tempo aos grupos se prepararem. Cada equipe poderá ter três porta-vozes. Estes se colocarão a frente, dirigindo como um debate público.

10. Discussão de Gabinete

Seu objetivo é chegar a conclusões concretas e imediatas de um problema determinado. Exercita na tomada de decisões a partir de fatos concretos. O máximo de participantes é de 20 pessoas. Esta técnica se baseia em representar uma reunião ao estilo de um grupo de auditoria (gabinete).

- a) Prepara-se de antemão um documento, onde se delimita o problema
- b) Reparte ao conjunto de participantes e dê tempo para que possam investigar, consultar e analisar.
- c) Na seção de gabinete, um participante designado pelo grupo ou pelo coordenador, será o “presidente” do gabinete e o que dirige a sessão . Deverá nomear um secretário que deverá anotar os acordos.
- d) Para iniciar a sessão, o que está conduzido a reunião, esboça o problema, expõe os distintos aspectos que crê que é conveniente discutir e dê a sua opinião sobre as possíveis soluções que ele vê para o problema.
- e) Logo o resto dos membros expõe sua opinião sobre o problema e a resposta de solução feita pelo presidente do gabinete.
- f) Abre-se uma discussão geral, esta deve realizar-se levando em conta a informação recolhida por todos e as opiniões dadas. As opiniões devem estar sustentadas pela

informação que se tem recolhido. Fixa um tempo para a intervenção e para a discussão geral.

- g) Terminado o debate, passa a redação dos acordos e decisões tomadas que as anota o secretário.

11. Dominó

Seu objetivo é que o grupo em forma amena discuta e analise a relação entre os dois tipos distintos de elementos (efeitos – causas, positivos – negativos, principais – secundários, etc). Baseia-se nos mesmos princípios e mecânica de jogo de dominó, com a variante de que as fichas se repartem em grupos e não individualmente.

- a) Preparam-se os cartões como fichas de dominó (dividida em duas, um elemento em cada lado) os elementos podem ser escritos. O número de fichas preparadas, dependerá do tema.
- b) Divide-se aos participantes em equipes de quatro a cinco; a cada grupo se reparte o mesmo número de fichas.
- c) Inicia o jogo qualquer grupo que tenha uma ficha dupla (que tenha nas partes o mesmo efeito e as mesmas causas). Recolhe a ficha dupla e se pega na parede ou no quadro-negro.
- d) Segue a ordem, como um jogo de dominó, até a esquerda. A equipe que segue deve colocar um efeito que corresponda a essa causa, ou a causa desse efeito, dependendo da primeira ficha e se coloca junto a essa. A equipe deverá explicar porque se dá essa relação. Se o plenário está de acordo, se deixa . Se não corresponde, se discute entre todos e no caso de não aceitar essa equipe perde seu turno.
- e) Se uma equipe não tem nenhuma ficha que corresponda, passa o turno à outra. Ganha equipe que primeiro fica sem fichas. Logo o coordenador dirige uma discussão de sínteses sobre os elementos colocados.

12. Dramatização

É uma atuação que usamos gestos, ações e palavras. Não se necessita um roteiro, nem figurino, nem muito ensaio.

13. Dramatização do Orientador

O orientador fará o papel principal na dramatização. Pedir um voluntário que terão um livreto. Começar a dramatização e cada um deve pedir comentários à classe.

14. No rio agitado ganância de pescadores

Seu objetivo é ordenar e/ou classificar um conjunto de elementos sobre qualquer tema. Fazer relações de causa e efeito. São necessários papel, corda fina ou fio grosso, cliques que dobram em forma de anzol. O coordenador deverá preparar o material antecipadamente.

- a) Os que coordenam, preparam antecipadamente os peixinhos de papel, nos quais se escrevem diferentes frases sobre o tema que se esteja tratando. O número de peixes deve estar de acordo ao tempo que se tenha. Em cada uma deve colocar somente uma idéia.
- b) Faz um círculo, dentro do qual se colocam todas as peixes.
- c) Formam grupos (2 ou 3) segundo o número de participantes a cada um se dá um anzol; uma corda com um clipe aberto.
- d) Deixa claro que: a equipe que pescar mais será o ganhador. Aqueles que pisam no círculo e tiram um peixe com a mão deve voltar toda a sua pesca.
- e) Uma vez pescados todos os peixes, se conta para ver o qual tem sido o ganhador.
- f) Logo, cada grupo deve ordenar sua pesca. A equipe ganhadora apresenta a primeira ordem que tem feito seus peixes e os outros complementam ficando todos os peixes integrados a um só ordenamento e classificação. Durante esse processo vai se discutindo o porquê o ordenamento de cada peixe em determinado lugar.

Esta técnica é mais conveniente utilizá-la quando se tem discutido alguns elementos do tema a tratar (não é conveniente para realizar um diagnóstico). Pode utilizar-se para dar-lhe ao grupo informação básica sobre um tema para ordenar e complementar. Pode se incorporar “prêmios” ou punições dentro dos peixes para tornar mais dinâmica a técnica.

15. Estátuas

É uma elaboração coletiva de uma figura com várias pessoas que representa um tema através da situação muda e sem movimento.

16. Estudos de Casos

Seu objetivo é chegar a conclusões ou a formular alternativas sobre uma situação ou problema determinado.

- a) Os que coordenam preparam um resumo sobre uma situação ou problema que se trabalha que é relacionado com o tema que se trabalha, sob a forma de um “caso” particular. Sendo oral ou por escrito se expõe e se trabalha com o plenário (ou grupos se o número de participantes é muito amplo).
- b) Todos os participantes com base ao documento ou a exposição discutem os casos apresentados, dando idéias e possíveis soluções no quadro. Com base a estas anotações se fará uma conclusão final.
- c) Uma vez, terminada a discussão, realiza-se uma síntese ordenando os problemas e as soluções sugeridas e se analisa a sua viabilidade.
- d) Chega-se com o grupo a escolher as situações ou conclusões que crêem estar corretas. Logo se reflete sobre a relação deste “caso” e esta “solução” com a vida real dos participantes.
- e) Chega com o grupo a escolher as situações ou conclusões que se crêem que estejam corretas. Logo se reflete sobre a relação deste caso e esta “solução” com a vida real dos participantes.

17. Estudos de Casos preparados pelos mesmos alunos

Dividir a classe em casais ou trios. Cada grupo deve desenvolver um estudo de caso para analisar e discutir com o restante da classe.

18. Fantasia Dirigida

- a) Escreve um texto que leve a reflexão aos alunos. Deve iniciar com a frase “Feche os olhos e imagine que...”.

- b) Peça aos alunos que se ponham em uma posição relaxada e que fechem os olhos
- c) Leia o texto
- d) Fecha com a plenária sobre os sentimentos e pensamentos provocados.

19. Fichas Dinâmicas

Esta técnica serve para temas complexas. Escrever em diferentes cartões ou fichas diversos pontos sobre o tema. Distribuí-los na classe. Pedir aos participantes ir lendo os cartões ao orientador e fazer seus comentários.

20. Fórum

Conferência dada por diversas pessoas, que segue um período de perguntas.

- a) Seleciona um pequeno grupo de classe
- b) Aponta-se um tema
- c) O grupo expõe brevemente.
- d) Segue um grupo de perguntas de parte ou dos ouvintes.

21. Jeopardy

Simula este programa de televisão norte americano. Dão as respostas e a proposta é encontrar a pergunta correta. É muito útil como técnica de revisão de curso.

- a) Criar de três a seis categorias de perguntas.
- b) Elaborar ao menos três respostas a seis correspondentes perguntas por cada categoria
- c) Formar equipes, cada um com capitão. O capitão é o único que pode dar as perguntas (formuladas sob a forma de perguntas).

22. Jogo de mesa

Utilizar um jogo de mesa e uma série de fichas com perguntas para coletivizar idéias ou avaliar um tema. Pode-se julgar na forma individual ou em grupos dependendo do número de participantes. Cada equipe ou pessoa coloca no ponto de saída um objeto que o

identifique a modo de ficha. Cada pergunta certa soma pontos e se pode jogar com um dado.

23. Jogo de cartas

Serve para repassar. Escrever diferentes perguntas em cada carta, escrever também as respostas. Repartir uma carta por pessoa. Pedir-lhes que busquem a ficha que correspondem a sua. Quando se formam os jogos, peça que se sentem juntos. Quando todos estiverem sentados, cada par interrogará ao restante da classe lendo a pergunta em voz alta.

24. Jurado 13 e o Tribunal

Seu objetivo é analisar e sustentar um determinado problema. Utiliza o mesmo rol que se usa em um jurado tradicional: o juiz, o jurado, testemunhas, fiscal defensor e o acusado, tem a mesma mecânica que um julgamento.

- a) Sobre um determinado tema se prepara uma “Ata de Acusação” onde se planeja o que e porque o acusado está em julgamento. O acusado é o problema que se vai tratar.
- b) Uma vez elaborada a ata de acusação (seja pelos coordenadores ou por um grupo de participantes), repartem-se os seguintes papéis entre os participantes:
 - ✓ Um juiz
 - ✓ 2 secretários de ata (tomam nota para que consta cada participação) ao serviço do juiz e do jurado.
 - ✓ 5-7 jurados (darão um veredicto, com base na acusação e as notas dos secretários).
 - ✓ O restante dos participantes se divide em dois grupos, um que defenderá o acusado e outro que acusará. O número de jurados, testemunhas, promotoria e defesa poderão variar segundo o número de participantes.
- c) O grupo que está a favor deverá: nomear um advogado de defesa e escolher provas e testemunha; estes representarão um papel que o grupo cria para sustentar sua posição; o papel que representam deve basear-se em fatos reais (5 testemunhas). O grupo da promotoria (que acusa) deverá nomear o fiscal

(advogado de acusação) e preparar sua participação no jurado, deve contar com material escrito, visual ou auditivo que lhes permita preparar e ter elementos de análise para a discussão e a ata de acusação com detalhe. Uma vez preparados os grupos (o tempo determina a coordenação) inicia-se o julgamento. Distribuem-se na seguinte maneira no salão, onde se porão os cartões ou papéis que identificam cada um dos postos.

- d) Os grupos se reúnem para discutir e preparar sua participação no jurado, deve contar com material escrito, visual ou auditivo que lhes permita preparar e ter elementos de análise para discussão e a ata de acusação. O jurado e o juiz devem revisar a ata de revisão com detalhe. Uma vez preparados os grupos (o tempo determina a coordenação) se inicia o julgamento. Distribuem-se da seguinte maneira no salão, onde se colocarão os cartões ou papéis que identificam cada um dos postos.
- e) O juiz lerá a ata de acusação e o regulamento do uso da palavra.
- ✓ Tanto o fiscal como a defesa terá 10 minutos para a primeira exposição e 5 minutos para a segunda, pode usar menos tempo, porém, não mais.
 - ✓ Primeiro falará o fiscal depois a defesa.
 - ✓ O interrogatório às testemunhas se fará alternadamente. Disporão de três minutos para interrogar a cada um de suas testemunhas e três minutos para interrogar as testemunhas de outra parte.
 - ✓ Logo que todas as testemunhas haviam sido interrogados se darão cinco minutos de recesso, para que cada uma das partes prepare sua argumentação final e 5 minutos para que lhe exponham.
 - ✓ Uma vez expostas às argumentações finais, o jurado disporá de dez minutos para deliberar e chegar a um veredicto (a encontrar culpado ou inocente ou acusado e com base que sustenta a sua posição).
 - ✓ Qualquer outra variação no tempo, nos recessos, em tempo adicional será decidido pelo juiz.
 - ✓ O veredicto será lido por um dos jurados.
 - ✓ O juiz fará um resumo do juízo dos elementos centrais, retomará a decisão do jurado e com base a ela ditará a sentença.

- f) Depois de dado o veredicto se passa a uma discussão plenária sobre o debatido para relacioná-lo com a realidade e precisar conclusões.

25. Loteria

Seu objetivo é esclarecer dúvidas, reafirmar o manejo de um tema ou avaliar a compreensão do mesmo. Necessitam-se lâminas de papel ou cartões, etc.

- a) Utilizando as mesmas regras de jogo do bingo se preparam lâminas ou cartões (de 50 X 60 cm) de onde se desenham nove quadros, nestes se combinam diferentes nomes, palavras ou conceitos do tema que vai ser tratado, que devem ser selecionados de antemão pela pessoa que coordena.
- b) Logo se elaboram uma série de cartas com denominações ou reflexões ou perguntas que correspondam a uma das palavras que estão nos cartões do bingo.
- c) Deve aparecer assim mesmo uma carta por cada palavra que aparece no cartão.
- d) Formam-se grupos e a cada grupo se dá um cartão , o grupo que preenche primeiro ganha. Qualquer objeto pode fazer de ficha.
- e) A pessoa que coordena ou qualquer outro companheiro é que “canta” (ou lê) as cartas.
- f) No grupo todos devem estar de acordo se crêem que tem as respostas, para isso o que “canta” deve dar um pouco de tempo para cada equipe decida se tem à resposta ou não.
- g) Uma vez que algum grupo enche seu cartão se para o jogo, revisa as respostas se estão corretas, relendo as cartas. Faz-se uma breve discussão que permita esclarecer dúvidas e reafirmar conceitos.

26. Chuva de Idéias

Seu objetivo é por em comum o conjunto de idéias ou conhecimentos que cada um dos participantes tem sobre um tema e coletivamente chegar a uma síntese, conclusões ou acordos comuns.

- a) O coordenador deve fazer uma pergunta clara, onde expressa o objetivo que se persegue. A pergunta deve permitir aos participantes responder a partir de sua realidade e experiência.
- b) Logo cada participante deve dizer uma idéia sobre o que se pensa sobre o tema.
- c) Somente se pede ao companheiro que esclareça o que disse no caso de que não se lê ou tenha compreendido.
- d) A quantidade de idéias que cada participante expresse pode ser determinado de antemão pelos coordenadores ou pode não ter limites.
- e) Todos os participantes devem dizer pelo menos uma idéia.
- f) O coordenador deverá anotar no quadro ou no papel.
- g) A anotação fará ao modo que vir surgindo, uma vez feito isso se discute para escolher aquelas idéias que resumam a opinião da maioria do grupo, ou se elaboram em grupo as conclusões, realizando-se um processo de eliminação ou reconto de idéias.

27. Chuva de idéias em subgrupos

A mesma técnica da chuva de idéias só que o primeiro se discute as perguntas em subgrupos, para logo fazer a plenária.

28. Mapa conceitual grupal

Em subgrupos, peça aos alunos que criem um mapa conceitual sobre o tema visto em classe. Pode dar um resumo e que a partir deste, criem um mapa conceitual. O mapa pode ser colocado em cartolinas.

29. Pantomima

É uma atuação muda (sem palavras). A mensagem se transmite com o movimento do corpo e os gestos do rosto.

30. Papelógrafo

Seu objetivo é ter a vista e deixar escritas as idéias, opiniões ou acordo de um grupo de forma resumida e ordenada. Necessitam de papéis grandes e marcadores (se possível de diferentes cores). Escrevem nos papéis ordenadamente e com letra grande os acordos que o grupo tem chegado na discussão de qualquer tema.

31. Philips 66

Seu objetivo é obter em um tempo certo as idéias de um grupo grande de participantes, sobre um determinado tema, buscando a participação de todos.

- a) Peça aos participantes que se dividem em subgrupos de seis pessoas.
- b) Cada subgrupo nomeará um coordenador que dirija a discussão e se lhes é necessário um relator.
- c) Planeja uma pergunta ou um tema de discussão sobre o que cada grupo deverá discutir e chegar a uma conclusão em seis minutos.
- d) Passado o tempo, os coordenadores ou relatores informam ao plenário o resultado de sua discussão.

32. Puro Conto

O coordenador prepara um conto o qual contem enquanto a utilização de conceitos ou de interpretação o tema trabalhado. Logo se lê em voz alta. Todos os participantes estão sentados. Quando encontram o que é falso se levantam. A pessoa que coordena a pergunta aos que se puseram de pé porque crêem que é falso e também a quem ficaram sentados porque crêem que é verdadeiro.

33. Scrabble

- a) Colocar em um diagrama um cartaz com um título do tema.
- b) Distribuir marcadores entre os alunos. Se for necessário como explicar como se formam as palavras em scrabble, utilizando o título como base.
- c) Estabelecer um limite de tempo e convidar aos alunos a formar todas as palavras relacionadas com a matéria ou com as experiências que tem tido lugar com a aprendizagem.

34. Talk Show

A idéia é debater um tema polêmico simulando um Talk Show como os que aparecem na televisão.

35. Teatro Chinês

Em um ambiente obscuro se atua entre uma luminária e um lençol de tal forma que o outro grupo situado do outro lado do lençol possa ver projetada a sombra dos atores.

Conclusão

As técnicas são necessárias para ajudar a cumprir o nosso propósito educativo com jovens. Devemos tomar todo o cuidado, isso é um meio e não o fim em si mesmo. Todos esses subsídios contribuem para desenvolvimento de programas que nos ajudam a cumprir os objetivos propostos com os jovens, não se devem usar sem esses objetivos ou somente como um meio de entretenimento. Que Deus nos dê sabedoria para poder aplicá-las corretamente para o seu serviço.

Atividade

Faça uma tabela classificando as diferentes técnicas em:

1. Vivenciais de animação
2. Vivenciais de análise
3. Atuação
4. Auditivas
5. Audiovisuais
6. Visuais escritas
7. Visuais gráficas

Veja capítulo 6

Capítulo 8

O currículo de Formação de Jovens

Objetivos

1. Entender que é currículo de formação de jovens.
2. Conhecer os diferentes temas que um jovem deve conhecer para sua formação como cristão à imagem de Deus no contexto atual.

Introdução

Com o termo “currículo de formação de jovens”, queremos referir-nos aos diversos temas ou conteúdos que devem ser ensinados aos jovens de nossas igrejas. Uma forma de compreender isso, é comparando com uma carreira universitária, com suas modalidades diferentes de cursos ou matérias de diferentes áreas, esse é o currículo de carreira. Da mesma maneira é currículo de formação de jovens, são conteúdos que correspondem às necessidades do adolescente atual pós-moderno do século XXI. São as diversas “matérias” que ocupam o jovem cristão para enfrentar os desafios da época em que vivem, são as matérias que ajudam a cumprir o objetivo de sermos como Jesus. Estes conteúdos podem ser localizados em sete grandes esferas.

A. O Plano de Salvação

Com isso referimos a apresentação básica do Evangelho com o correspondente chamado a receber o presente da vida eterna. Com isso o jovem se prepara para receber Cristo como Senhor e Salvador de sua vida. Neste parágrafo devemos tratar de forma introdutória os temas que falam sobre o amor de Deus, o pecado, o sacrifício de Cristo na cruz por nós e a necessidade de receber a vida eterna e a salvação ao confessar nosso pecado e reconhecer Cristo como Senhor e Salvador de nossas vidas.

B. A Bíblia: Livro por Livro

Por esse enfoque, estuda a Escritura, livro por livro, capítulo por capítulo. Assim os jovens podem estudar o livro de Atos, o Evangelho de João, o livro de Jeremias ou qualquer outro livro da Palavra de Deus. Realmente a Bíblia enfoca diversos temas assim com este

enfoque cobrem conteúdos de outros eixos temáticos. Há certos livros que por sua natureza devem ser tratados com os jovens que entre eles destacam-se: Provérbios, Eclesiastes e Tiago, por serem livros de sabedoria para dar “prudência aos simples” . Também os livros de Apocalipse e Daniel são livros que por ser caráter escatológico chamam a atenção aos jovens e por isso devemos aproveitar dessa curiosidade que eles têm para podermos proclamar a Palavra da Vida.

O livro de Gênesis – especialmente os primeiros onze capítulos – é imprescindível estudar, porque trata do começo da humanidade, é uma área onde se levantam dúvidas, porque a ciência moderna invalida o criacionismo bíblico e propaga a chamada teoria da evolução; será comum encontrar dúvidas sobre os dinossauros, o dilúvio, etc.

C. Doutrina Cristã

Os jovens necessitam conhecer doutrina. Como conhecer os bilhetes falsos, se não reconhecem os verdadeiros? Como reconhecer uma seita ou uma falsa doutrina se não se conhece a doutrina cristã? Os jovens devem conhecer a doutrina da igreja e especialmente de sua própria igreja. Isso ajuda a ter uma identidade como parte de uma igreja e ao mesmo tempo lhes darão firmeza e não serão “meninos arrastados pelas ondas empurrados por qualquer vento de ensinamento de pessoas falsas, essas pessoas inventam mentiras e por meio delas, levam outros para caminhos errados” (Ef. 4: 14). O melhor nesse caso é ensinar os diversos temas que se tratam na declaração de fé, “credo” ou “confissão” de nossa própria igreja. Entre os conteúdos a tratar, podemos citar:

1. A criação: o hexamerón (os seis dias da criação), as diferentes teorias sobre a criação, etc.
2. Doutrina sobre Deus: seus atributos, os nomes de Deus, a Trindade, sua soberania, etc.
3. A Bíblia: a revelação geral, especial, a inspiração das Sagradas Escrituras, o cânon e a sua infalibilidade.
4. Jesus Cristo: seu nascimento virginal, obra na cruz, sacrifício expiatório, ressurreição, sua deidade, etc.

5. O Espírito Santo: sua obra no cristão, seus dons, seus frutos, etc. Se a igreja é de natureza pentecostal, falar sobre o batismo do Espírito Santo, a unção, o derramar do Espírito, etc.
6. O ser humano: sua natureza pecaminosa, suas partes (corpo, alma e espírito), etc.
7. O pecado: sua origem, sua realidade, sua natureza e suas conseqüências.
8. A salvação: a obra de Cristo, a conversão, a justificação, a reconciliação com o Pai, a adoção como filhos de Deus, a certeza da salvação, etc.
9. A igreja: a igreja como corpo de Cristo, a natureza da igreja, etc.
10. Os últimos tempos: o arrebatamento, o milênio, o júízo final, a ressurreição dos santos, a segunda vinda, novos céus e nova terra, etc.
11. A vida futura: a morte, o céu e o inferno.
12. O pacto: O pacto de obras, o pacto com Abraão, etc (especialmente em igreja reformada ou presbiteriana).
13. O batismo e a ceia do Senhor (em algumas igrejas, ordenanças, em outras, sacramento e selo do pacto).
14. O mundo espiritual: anjos, demônios, Satanás, etc.

D. Vida Cristã

Estes temas são relacionados à vida e caminhada cristã. São temas essenciais do discipulado e se espera que um discípulo desenvolva estes elementos. Entre eles podemos citar:

1. O compromisso cristão: o compromisso que tem o crente de distanciar do mundo e tomar a sua cruz para seguir ao Senhor Jesus.

2. Os dons espirituais: entender que Deus tem dado a cada cristão, dons específicos para o serviço do Reino.
3. O ministério: entender que Deus nos tem chamado a servi-lo em determinadas áreas. Compreender os ofícios ministeriais (pastor, evangelistas, missionários, mestres, etc)
4. O amor cristão: compreender os diversos tipos de amor na Escritura – ágape, filius e Eros. Compreender a preeminência do amor Deus e como somos chamados a amar da mesma maneira.
5. A obediência cristã: entender que obedecemos a Deus por amor e não por medo ou por outros motivos. Reconhecer que devemos sujeitar as diversas autoridades que Deus tem designado.
6. A mordomia: a administração do que Deus nos tem dado. Não somente os dízimos e as ofertas, como muitas vezes é mal focado este tema, mas a mordomia de nosso tempo, coração, etc.
7. O evangelismo: neste caso, ensinar aos jovens a necessidade de manter seu testemunho e ser luz e sal deste mundo. Ensinar os jovens a evangelizar uma pessoa como a varias pessoas.
8. A oração: entender o que vem ser a oração, tipos de oração e como devemos orar, etc.
9. O estudo da Palavra: compreender a importância do estudo da Palavra de Deus, fazer um devocional, etc.
10. O aluno: compreender o motivo desta disciplina espiritual, exercê-la segundo as motivações corretas, etc.
11. O companheirismo cristão: viver e compreender o propósito da koinonia cristã.

12. O fruto do Espírito: manifestar o amor, a alegria, a paz, a paciência, a benignidade, a bondade, a fé, a temperança que o Espírito Santo dá a seus filhos.
13. A responsabilidade missionária: a responsabilidade que cada cristão de participar na obra missionária em todas as partes do mundo.
14. A adoração: compreender o que é adoração e o louvor, entender o que é adoração em espírito e em verdade e como adorar constantemente a Deus em nossas vidas.
15. O perdão: compreender a necessidade do perdão para o cristão e a sua aplicação em nossas vidas.
16. A graça: compreender o que é a graça de Deus e como viver pela Sua graça.

E. Ética Cristã

Neste parágrafo entrariam os conteúdos que requer de nós, a nossa posição como filhos de Deus. São temas que primeiramente como líderes devemos manejar, e em segundo lugar devemos ensinar ao jovem desde uma perspectiva e cosmovisão cristã. Podemos mencionar entre muitos:

1. Bioética: o aborto, a eutanásia, a clonagem, o uso de métodos anticoncepcionais pelos cristãos, etc.
2. Os direitos humanos
3. O sexismo (machismo e feminismo)
4. O racismo
5. A xenofobia (ódio aos estrangeiros)
6. A homossexualidade (a postura ética bíblica)
7. A influência dos meios de comunicação
8. A música secular
9. Os jogos de vídeo e sua influência
10. O baile

11. O divórcio e o novo casamento
12. A participação do cristão na política
13. A percepção das pessoas dos adultos
14. A ecologia
15. O cristão e o patriotismo
16. A globalização
17. Ação social do cristão
18. Missão integral
19. O problema do desemprego
20. O trabalho infantil e os direitos da criança
21. O problema da prostituição
22. O pensamento crítico
23. A guerra e o terrorismo
24. A pobreza
25. A igreja frente a AIDS
26. As crianças de rua.

F. Apologética

A apologética é a defesa da fé bíblica e cristã segundo a grande comissão. Vivemos na época moderna em que a jovem precisa aprender apologética. O fato de que vivemos e uma época que se dá preponderância às emoções não implica que o cristão deva cometer o suicídio intelectual. O cristão deve ser diferente e não deve mover-se nas correntes deste mundo. Assim desta maneira, devemos ensinar aos jovens a pensar no que crêem e os fundamentos racionais e históricos que sustentam a fé cristã. Entre os diversos temas que abrangem essa área estão:

1. A dor e o sofrimento na vida do cristão (por que o crente sofre?)
2. A teoria da evolução versus criacionismo bíblico.
3. O movimento da Nova Era
4. O ocultismo em suas diversas manifestações

5. Seitas (testemunhas de Jeová. Mórmons, adventistas, etc.)
6. Pluralismo (crer que todas as religiões são caminhos que levam a Deus)
7. Religiões
8. Hedonismo (a busca do prazer como bem supremo)
9. Relativismo (achar que todas as coisas são relativas)
10. A existência de Deus
11. A singularidade das Escrituras
12. Individualismo
13. Emocionalismo
14. Agnosticismo
15. Consumismo
16. Sincretismo
17. A ressurreição de Cristo
18. A deidade de Jesus
19. A reencarnação
20. A vida extraterrestre e os OVNIS
21. A parapsicologia (perspectiva cristã)

G. Desenvolvimento Humano

Os adolescentes e os jovens estão passando por um processo de desenvolvimento que requer atenção especial. Entre estes conteúdos estão aqueles que se referem ao processo de desenvolvimento integral do adolescente e o jovem cristão

1. Desenvolvimento social

- A amizade
- Afetividade
- Noivado cristão
- Relações familiares
- O divórcio dos pais
- Relações interpessoais

- Comunicação assertiva
- A pressão dos amigos (a pressão que os jovens sofrem por seus colegas)
- Como se preparar para entrar na escola secundária
- Como se preparar para entrar na universidade
- Como viver solteiro
- Preparação pré-matrimonial
- Masculinidade e Feminilidade segundo a Bíblia
- O cristão e seu tempo livre

2. Desenvolvimento Intelectual

- Minhas dificuldades para me superar (as diferentes opções que um jovem tem para estudar – colégios técnicos, acadêmicos, noturnos, científicos, humanísticos, vocacionais, instituições de capacitação técnica, conservatório de artes, etc).
- Como tomar decisões corretas
- Teste vocacional
- Escolhendo uma carreira
- Como conhecer a vontade de Deus
- Como saber qual é o meu ministério
- Entendendo os dons
- Técnicas de Estudos
- Como preparar para enfrentar as provas
- Estilos de aprendizagem
- Mordomia do tempo livre
- Qual é o meu projeto de vida?
- Perspectiva Bíblica de Trabalho
- Leis e Códigos relacionados com o trabalho
- Estratégias para conseguir emprego

→ O testemunho e ética cristã no trabalho

3. Desenvolvimento Físico

→ Os campos da puberdade

→ Drogas

→ Tabagismo

→ Alcoolismo

→ Manejo de adições

→ Sexualidade e a Bíblia

→ Beijos e Carícias

→ A pureza sexual

→ Relações sexuais fora do casamento

→ Masturbação

→ Doenças venéreas e a AIDS

→ Pornografia

→ Embaraço não desejado

→ Paternidade e maternidade precoce

→ Aborto e Trauma pós-aborto em adolescentes

→ Dietas

→ Transtornos alimentícios (bulimia, anorexia...)

4. Desenvolvimento Emocional

→ Autoestima

→ O temperamento

→ As emoções

→ Manejo de crise

→ A ira

→ A depressão

→ O sentimento de culpa

→ Estresse

→ A solidão

- Abuso sexual
- Abuso Físico
- Abuso emocional
- Abuso ritual satânico
- Abuso por descuido ou negligência
- Suicídio
- A co-dependência
- Como enfrentar a ansiedade
- Como manejar as perdas
- Violência

Conclusão

Neste capítulo aparece uma lista exaustiva de temas que devem ser trabalhados em reuniões de jovens, escola dominical, grupos pequenos. Recomenda-se dedicar ao menos três seções de uma hora em cada tema para poder aprofundar em cada um.

Ao iniciar seu planejamento do ano, busquem aqueles temas que tragam resultados mais significativos ou simplesmente, abrange-os de um modo que você decidir. Mas, lembrem-se, estes temas são necessários para a formação dos jovens, não descuide de nenhum eixo temático. Aplique-os em seu grupo de jovens.

Questionário

1. O que é currículo na formação de jovens?
2. Por que o plano de salvação no currículo de formação de jovens?
3. Segundo o autor: Quais os livros da Bíblia devem ser ensinados prioritariamente aos jovens?
4. Por que é importante que os jovens aprendam doutrina?
5. Cite as ênfases doutrinárias da sua igreja.
6. O que são temas de vida cristã?
7. O que são temas da ética cristã?
8. O que são temas da apologética?
9. Cite quatro áreas de desenvolvimento dos jovens.
10. Qual das quatro áreas de desenvolvimento considera que tem mais debilidade no trabalho que se realiza com os jovens em sua igreja? Explique.

Conclusão

Tem sido feito uma vista panorâmica ao trabalho com jovens. Espera-se que depois deste curso, você tenha uma visão mais clara do que deve ser o trabalho com jovens em sua própria igreja. As exigências ao pastor, ao líder de jovens são fortes, requer dedicação, formação.

As modalidades são unicamente dois – grupal e individual – os modelos, métodos e muitas técnicas; o propósito é um só: “ser formados a imagem de Cristo”. Os obreiros são poucos, a seara é grande. Como o pastor é chamado para trabalhar com jovens, faça-o com excelência para a glória de Deus, este curso tem provido ferramentas para fazê-lo.

Bibliografia

- Adams, Jay. *Capacitados para orientar*. Gran Rapids: Portavoz, 1981.

- Barbaglio, Giuseppe, *Espiritualidad del Nuevo Testamento*, Salamanca: Sígueme, 1994.
- Calvino, Juan. *Comentario a las Epístolas Pastorales*, TELL: Grand Rapids, 1998.
- Fields, Doug. *Ministerio de Jóvenes con Propósito*, Editorial Vida: Florida, 2000.
- Gnilka, Joachim, *Jesús de Nazaret: Mensaje e historia*, Barcelona: Herder, 1993.
- Hegeman, Cornelio. *La Apologética*, MINTS: Miami, 2003.
- Hengel, Martin, *Seguimiento y carisma: La radicalidad de la llamada de Jesús*, Santander: Sal Terrae, 1981.
- Hennings, Steve. *Introducción a la Consejería Bíblica*. San José: Seminario Teológico Reformado, 2003.
- Malina, Bruce J. Y Richard L. Rohrbaugh, *Los evangelios sinópticos y la cultura mediterránea del siglo I. Comentario desde las ciencias sociales*, Estella: Verbo Divino, 1996.
- Ortiz, Félix. *El Espíritu Santo*, CLIE: Barcelona, 2000.
- Ortiz, Félix. *Manual para Líderes de Jóvenes*, CLIE: Barcelona, 1996.
- Ortiz, Vargas y Zuñiga. *Guía para el desarrollo del ministerio juvenil en la iglesia*, CLIE: Barcelona, 1999.
- Villanueva, Victor. ¿Qué es aprendizaje activo?
http://www.paralideres.org/pages/page_910.asp
- Wagner, Peter. *Cómo hallar sus dones espirituales*, UNILIT: Miami, 1997.

APÊNDICE 1
Ejemplos de Metodología Participativa
“Pós-Modernidade”
“Noivado Cristão”

SEÇÃO 1
QUADRO RESUMO

Tema: Relativismo

Título: Tudo é relativo

Objetivo: Refutar a idéia de que tudo é relativo e esclarecer que existe o absoluto e esse é Deus

Duração	Objetivo	Atividade	Recursos	Responsável
10	Memorização das Escrituras	Memorizar texto com técnica do trapo venenoso – Jo. 14: 6 e 17:17	“trapo venenoso” (bola pequena)	
10	Introduzir ao tema	Citar alguns casos que são relativos para os cristãos	Quadro	
15	Entender que se existem absolutos	Com jogo de dominó, jogar com valores absolutos e sua contraparte baseada na natureza divina	Jogo de dominó	
25	Julgar um caso bíblico de relativismo	Com a técnica de jurado 13, julgar o caso de Jacó que é acusado de agir incorretamente ao enganar seu pai e ter vantagem sobre seu irmão. O defensor deve argumentar biblicamente que suas ações foram incorretas.	Bíblia	

Domínio Próprio	Deus é amor	Amor	Deus é verdade
Respeito às autoridades	Deus é Fiel	Fidelidade	Deus é um
Misericórdia	Deus é Santo	Pureza	Deus é Justo
Justiça	Deus é verdade	Honestidade	Deus é Misericordioso
Unidade	Deus é um	Unidade	Deus é a máxima autoridade
Honestidade	Deus é Justo	Justiça	Deus tem o domínio de si mesmo
Pureza	Deus é Misericordioso	Misericórdia	Deus é Amor
Fidelidade	Deus é a Autoridade Máxima	Respeito às autoridades	Deus é Fiel
Amor	Deus tem o domínio de si mesmo	Domínio Próprio	Deus é Santo
Deus é Amor	Deus é Amor	Deus é Um	Deus é Um

Seção 2

Quadro Resumo

Tema: Nova Tolerância

Título: E... o que faria Jesus?

Objetivo: Conhecer que Deus nos chama a ser agente de mudança não a passiva tolerância.

Duração	Objetivo	Atividades	Recursos	Responsavel
10	Memorização das Escrituras	Memorizar textos com técnicas do “varal bíblico” em equipes	Prendedor de roupas, varal de nylon e fichas de estudo	
15	Reconhecer que Jesus não tolerava o pecado	Prendedores de roupa, varal de nylon, fichas de estudo	Quadro e marcador	
20	Reconhecer como o mundo nos chama a tolerância do pecado	Áudio- Fórum com a canção “All The Things She Said” do grupo TATU	Letra da Canção	
30	Reconhecer o chamado a persuadir e não a tolerar do pecado	Em três grupos, nesse momento, devem montar sketch sobre formas em que os cristãos têm reagido à história da igreja sendo tolerantes ou intolerantes <ul style="list-style-type: none"> ● Imposição, Ex. A inquisição ● Indiferença, Ex. A igreja romana ● Persuaçao, Ex: Carrey 	Cópias da página do livro “História do Cristianismo, Vol. 2” de Justo Gonzalez	

		na Índia		
--	--	----------	--	--

Letra da Música

Todo o que ela disse
Está em minha cabeça
Isso não basta

Estou com sérios problemas
Sinto-me totalmente perdida
Se estou pedindo ajuda, é só porque
Alo estar contigo os meus olhos se abrem
Quem poderia crer tão perfeita surpresa?
Vou perguntando a mim mesma,
Questionando-me como
Sigo fechando os meus olhos, mas
Não posso bloquear-te
Quisera eu voar a um lugar onde
Sejamos somente você e eu
Ninguém mais, assim podemos ser livres

Agora estou toda confusa
Sentindo-me abandonada, deixada de lado
Dizem que é minha culpa, mas quero tanto
Quero voar e levá-la a um lugar onde o sol e
a chuva
Venham por sobre o meu rosto
Arrasar com a vergonha
Quando eles se detenham e admiram, não
haverá preocupação em mim
Porque sinto por ela o que ela sente por mim
Poderia até mesmo fingir
Poderia tratar de esquecer
Mas tudo isso está voltando com força
Indo fora de minha cabeça

Mãe , olhe para mim
Diga o que é que vê?
Se tenho perdido todos os sentidos

Papai, olha para mim
Algum dia serei livre?
Tenho cruzado a linha?

All the things she said
Running through my head
This is not enough

I'm in serious s--t,
I feel totally lost
If I'm asking for help it's only because
Being with you has opened my eyes
Could I ever believe such a perfect surprise?
I keep asking myself,
wondering how
I keep closing my eyes but
I can't block you out
Wanna fly to a place where
it's just you and me
Nobody else so we can be free

And I'm all mixed up,
feeling cornered and rushed
They say it's my fault but I want her so much
Wanna fly her away where the sun and rain
Come in over my face,
wash away all the shame
When they stop and stare - don't worry me
Cause I'm feeling for her what she's feeling
for me
I can try to pretend,
I can try to forget
But it's driving me mad,
going out of my head

Mother looking at me
Tell me what do you see?
Yes, I've lost my mind

Daddy looking at me
Will I ever be free?
Have I crossed the line?

Mateus 5: 13	Mateus 5: 13
Vós sois	Vós sois
O sal da terra	O sal da terra
Mas se o sal	Mas se o sal
Se desvanece	Se desvanece
Não serve mais	Não serve mais
Para nada, senão	Para nada, senão
Para ser lançado fora	Para ser lançado fora
E pisado pelos homens	E pisado pelos homens

Seção 3

Quadro Resumo

Tema: Pluralismo

Título: Qual é o caminho e a verdade?

Objetivo: Explicar que Jesus é o único caminho ao Pai e a evidência testifica a seu favor.

Duração	Objetivo	Atividade	Recursos	Responsavel
10	Memorização das Escrituras	Memorizar o texto com a técnica do criptograma	Criptograma	
15	Introduzir o tema e sondar opiniões	Chuva de idéias com a pergunta. Se todas as religiões, como sabemos que o cristianismo realmente é o que a tem?	Quadro e marcador	
50	Conhecer alguns ensinamentos de algumas religiões	Simpósio sobre as religiões (budismo, islamismo e hinduismo)	3 pessoas que investiguem cada tema	

Criptograma

Qual é o caminho e a verdade?

Decifre a mensagem com os seguintes códigos:

A		E		I		M		Q		U	
B		F		J		N		R		V	
C		G		K		Ñ		S		Y	
D		H		L		O		T		Z	
						P					

Busque a resposta em uma concordância.

Quadro Resumo

O amor, o noivado e outros entrelaçamentos

Seção 2: O propósito do noivado

Objetivo: Compreender os propósitos de um noivado genuíno cristão

Duração	Objetivo	Atividade	Recursos	Responsável
10 min	Introduzir o tema	Explicar que o que se faz com um propósito, ilustrar com exemplos como deve ser um noivado.	Ilustrações	
15 min	Sondar o que o grupo considera o que são propósitos válidos do noivado	Dialogo com chuva de idéias: Quais os propósitos do noivado? Hoje em dia há noivado entre pessoas muito jovens? Seus propósitos são os mesmos de um casal mais maduro? Quais são? Estes propósitos são válidos?	Lousa	
40 min	Apresentar e desenvolver quatro propósitos válidos do noivado	Fazer uma entrevista a uma ou vários casais dirigido por um orientador. Comentando quatro propósitos. 1 Aprender a pensar como casal (já são um e não dois) 2. Conhecer-se mutuamente (passado, caráter, família, aspectos espirituais, acadêmicos, etc) 3. Buscar a Deus como casal 4. Preparar-se para o casamento (estudos, filhos, economia)	Casais de convidados e entrevista preparada	

Quadro Resumo

O amor, noivado e outros entrelaçamentos

Seção 3

Tema: Início de um noivado

Objetivo: Esclarecer algumas questões em relação de como reconhecer a vontade de Deus ao casal para um noivado

Duração	Objetivo	Atividade	Recursos	Responsável
15	Reconhecer que a única vontade de Deus é que possamos saber o que diz as Escrituras	Perguntas para discussão Como ter certeza de que ser noivo (a) de alguém é a vontade de Deus? Há uma pessoa e tempo certo?	Lousa	
15	Falar sobre o princípio do “jugo desigual”	A regra de ouro nas relações (Dt. 7: 1-4; II Cor. 6: 14-15, Amós 3: 3)		
20	Esclarecer algumas questões sobre a vontade de Deus	Analisar um par de casos de onde há perguntas sobre a vontade de Deus	Folha “Julgando o Dr. Coração”	
20	Comentar a importância dos costumes costarriquenses a hora de um noivado.	Comparar os costumes a hora de iniciar um noivado entre diferentes épocas.	Folha com costumes escritos	

Julgando o Dr. Coração
Como responder as seguintes questões?

Se Deus tem um plano para as nossas vidas, então, com certeza o cônjuge e mais ninguém, será a parte essencial do plano de Deus. Se por acaso, eu me caso com aquele que quero, isto nem sempre coincidirá com o plano de Deus e todo o plano de vida divino ficará desarticulado. Gostaria de uma explicação sobre isso.

Mônica, 16 anos

O que acontece se duas moças cristãs cumprem todos os requisitos e eu estou apreciando as duas? Como posso saber aquilo que Deus pede de mim? Posso , por exemplo tirar sorte em oração?

Carlos, 15 anos

Pegar, Marcar, Amarrar

ANOS 50	ANOS 70	ANOS 2000
<ul style="list-style-type: none"> ● A noiva recebia o noivo na sala de casa. Se a moça era muito jovem, o rapaz não podia passar da porta. ● A adolescente se comportava como uma moça ● Começavam a “marcar” o horário das 7:00 as 7: 30 p.m. e terminavam as 9: 00 p.m. ● Escutavam música e conversavam (não havia televisão) ● Se a relação era mais seria, podia convidar o noivo a tomar café. ● Os pais supervisionavam os noivos, em família mais conservadoras, o costume é que os pais também ficavam na sala. ● Se o casal saía a um passeio (cinema, parque ou a um baile) devia chegar cedo ● Era de costume que o moço pedisse permissão aos pais da noiva para visitar a jovem (pedir “ a entrada” ● Os pais da moça não iam dormir até que o moço fosse embora da casa. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Aos domingos, a noiva esperava o noivo as 5:30 p.m. para ir a missa. Depois, iam comer ou ir a um cinema, sempre em grupos e nunca sós. ● Se o casal saísse, deveriam regressar as 9 p.m. em casa ● Em casa ficavam só na sala e com toda a formalidade. ● De vez em quando se convidava o noivo a comer em casa. ● Costumava ver televisão e conversar. ● De vez em quando o casal de noivos era supervisionado pelos pais ou pelos irmãos. ● O noivo deveria ir embora da casa da noiva as 10 da noite. ● “Pedir a entrada” já não era uma regra estrita. 	<p>Incluía horários, lugares, atividades e costumes.</p>

Apêndice 2

Livros Recomendados

- **Hacia un ministerio juvenil dinámico**, Félix Ortiz, Gerardo Miniello, Editorial CLIE
- **Ministerio de Jóvenes con Propósito**, Doug Fields, Editorial Vida
- **El Ministerio Juvenil Dinámico**, Jim Burns, Editorial UNILIT
- **El Ministerio Juvenil Efectivo**, Lucas Leys, Editorial Vida
- **Soy líder de jóvenes , Y ahora... Quién podrá ayudarme?**, Jeffrey de León, Editorial Dinámica
- **¡Ayúdenme! ¡Soy líder de jóvenes!**, Doug Fields, Editorial Vida
- **Tus primeros dos años en el ministerio juvenil**, Doug Fields, Editorial Vida
- **500 ideas para el ministerio juvenil**, Lucas Leys, Editorial Vida